

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
(UFPB - CAMPUS II)
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - DHG

Título

No Parorama Geral da História Tradicional, reina a Paralisia das Formas e das Leituras; porém, no Enigmático campo da Criação o novo já Nascia.

Trabalho apresentado por Suênia Messias Borges, no Estágio Supervisionado de Final de Curso, orientado pela professora Eronides Câmara Donato.

Campina Grande - Dezembro de 1997

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
(UFPB - CAMPUS II)
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - DHG

Título

**No Panorama Geral da História Tradicional,
Reina a Paradoxia das Formas e das Leituras:
Porém no Enigmático Campo da Criação
o Novo já Nasce**

Suênia Messias Borges

Campina Grande

1997



Biblioteca Setorial do CDSA. Janeiro de 2024.

Sumé - PB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
(UFPB - CAMPUS II)
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - DHG

Trabalho apresentado por Suênia
Messias Borges, no Estágio
Supervisionado de Final de Curso,
orientado pela professora Eronides
Câmara Donato.

Campina Grande
Dezembro de 1997

Com as lágrimas do tempo
E o cal do meu dia
Eu fiz o cimento
Da minha Poesia

(Vinícius de Moraes)

ÍNDICE

AGRADECIMENTO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

CAP.I - O Mundo Encantado da Aprendizagem e da Construção do Saber Histórico -----	01
CAP.II - Planejamento: O Mundo das possibilidades -----	09
CAP.III - A Multidimensionalidade da Ação -----	21

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA -----	33
--------------------------------	----

ANEXOS:

- PLANOS DE CURSO
- PLANO DE UNIDADE;
- PLANOS DE AULA
- TEXTOS PRODUZIDOS
- MAPAS
- ALUNOS QUE PARTICIPAM DAS AULAS

AGRADECIMENTOS

A DEUS,

- Que me deu vida, força, paciência para aqui chegar. Por vezes, senti-me só, vazia, desesperada e descrente. E na descrença ofendi. Na ofensa, tropecei, e, no tropeço, caí. Porém, recebi e resolvi doar e doei conhecimentos, carinhos e compreensão.

Senti-me feliz, e, ao ser feliz, encontrei a paz.

AOS MEUS PAIS,

- A vocês que nos deram vida e nos ensinaram a vivê-la; iluminaram os caminhos obscuros com amor, carinho e compreensão, para que trilhássemos sem medo os perigos que a vida oferece. A vocês, que se doaram inteiros renunciaram aos seus sonhos, para que muitas vezes, pudéssemos realizar os nossos e alcançar o nosso objetivo.

Muito obrigada! Eu os amo muito!

Aos MESTRES,

- Ensinar é um dom, é transmitir com amor uma carga de sabedoria. Aqueles que dividiram conosco os seus conhecimentos, Transformando os nossos ideais em relações, nossos agradecimentos e gratidões por nos ter ajudado a vencer a difícil etapa.

AOS MEUS AMIGOS E COLEGAS DE CURSO,

- Parece que foi ontem que iniciamos uma longa caminhada a nos ligar pelo vínculo da experiência comum.

- Na verdade, vários obstáculos despontaram na difícil escalada e que tentava nos fazer desistir. Contudo, conseguimos superar a nossa fragilidade humana, e, hoje comungamos juntos o nosso objetivo final.

APRESENTAÇÃO

O presente relatório descreve as atividades desenvolvidas no estágio supervisionado da prática de ensino em História, realizada na escola Estadual de 1º e 2º Grau Severino Cabral, no período de 97.2, sob a supervisão da orientadora Eronides Câmara Donato.

Esperamos que atividades e as experiência contidas neste relatório, sirvam de forma construtiva para os futuros concluintes, que deverão atingir o estágio final do Curso de História. Mesmo que esta fase seja o final, ela foi os primeiros passos para a futura caminhada como professor, que desencadearam uma luta diária, árdua, porém "compensadora". Em nossa função como educador, podemos formar indivíduos conscientes e críticos, que possam criar e desencadear condições de um amanhã bem mais promissor que o hoje.

INTRODUÇÃO

A prática de ensino, do período de 97.2, foi uma retomada dos princípios e das experiências acumuladas na prática de 97.1, tinham uma preocupação centrada no planejamento de ensino de 1º e 2º Graus. E, também com a preocupação com a organização e estruturação do planejamento.

Dessa forma, procuramos estabelecer, na prática de ensino, uma direção e a construção de um trajeto pedagógico, que envolva a concepção de um planejamento de ensino, de linhas de ação aberta, reflexiva, que possa sofrer alterações quando se fizer necessário.

O planejamento é uma atividade pedagógica que possibilita o desencadeamento do ato reflexivo a cerca das ações e opções estabelecidas pelo professor. Devendo adaptar-se a medida que o jogo de interação professor-aluno ocorra, estabelecendo assim, um FEEDBACK que pode indicar formas alternativas mais eficientes para que ocorra a aprendizagem.

No entanto, para partimos na construção de um trabalho inovador, fizemos uma escolha consciente, de uma nova teoria, como é o caso da visão histórica foucaultiana, o qual nos ofereceu um leque de possibilidades e conceitos, que foram fundamentais para a construção de nossas aulas. Conceitos, como: Estratégias, Resistências, Disciplinarização, Poder, dentre outros; que foram escolhidos para facilitar o ato de compreensão e assimilação dos conteúdos, por partes dos alunos.

Porém, a tentativa de inovar teve uma aceitação boa entre os estudantes por ser uma nova leitura, a cerca dos acontecimentos e dos fatos históricos, que até hoje permanecem no palco das discussões. Já na interação e na participação dos alunos, ocorreu resistência, devido a inibição e a falta de interesses de alguns pelo conteúdo.

Entretanto, foi a partir destas resistências e falta de interesse dos alunos, que desencadearam em mim, o desejo de sempre buscar novos conteúdos, que estivessem diretamente ligados e realidade dos alunos, transformando as aulas cansativas e fechadas em aulas mais participativas, vivas e

interessantes, que tendiam em provocar os alunos, com o intuito de despertar suas participações na aula.

Foi a partir destas reflexões, que procuramos utilizar técnicas pedagógicas que envolvessem o professor e o aluno na construção do saber, sistematizado conjuntamente a aprendizagem.

Assim, com essas possibilidades, escolhemos a aula expositiva dialogada, como uma ação pedagógica dinamizada em sala de aula, com o intuito de despertar ou formar alunos competentes, e, restaurando o relacionamento professor e aluno.

Portanto, a nossa postura de estagiário, está associada a construção de um desafio maior, que será edificar outros desafios que desemboque em novos caminhos, para que seja forjado alternativas a fim de interferir e atuar na realidade dos alunos, cujo o intuito é manifestar transformação mesmo em um intervalo de tempo pequeno, como foi a nossa prática de ensino.

ORGANIZAÇÃO DO RELATÓRIO

A organização do relatório foi estabelecida a partir de divisões de capítulos.

O 1º capítulo dedicamos exclusivamente aos procedimentos de ensino em história, ao papel do professor como agente de transformação, e, as estratégias utilizadas pelo mesmo para envolver e tornar as aulas de história mais atrativas, etc.

No 2º capítulo, o objetivo é a apresentação do que é planejamento; qual a sua importância, destacando as divisões e enfatizando a necessidade do planejamento, no fazer-se professor.

Já o 3º capítulo, vai ser a apresentação das experiências no estágio supervisionado, efetuando na escola Severino Cabral. Resgatando os momentos mais gratificantes e frustrantes para mim, em todo o conjunto do estágio. Porém, devo destacar que o trabalho em conjunto, facilitou o encaminhamento da prática, possibilitando através de opiniões,

melhoramos muito, tanto na metologia da sala de aula como no x
papel de ser professor.

Temos que destacar algo de grande importância, que foi a ajuda direta da minha orientadora: Eronides C. Donato que, a todo momento procurou ajudar e encaminhar o nosso estágio, destacando-se pela sua paciência e colaboração e abnegação. **Muito obrigada, Nilda.**

CAPÍTULO I

O MUNDO ENCANTADO DA APRENDIZAGEM E DA CONSTRUÇÃO DO SABER HISTÓRICO

Este capítulo propõe a discutir o processo de envolvimento do ato da aprendizagem e o processo de ensino que possibilita a atuação e a efetivação do saber histórico, destacando a importância e a atuação do professor no ato da construção do saber e do gostar de história.

O processo de aprendizagem caracteriza-se na combinação de atividades desenvolvidas conjuntamente entre o professor e seus alunos, no intuito de atingir, progressivamente, a capacidade de assimilação e aprendizagem por parte do aluno. Este trabalho depende muito da direção e do processo sistematizado pelo professor, que estabelecerá, a partir do planejamento, a sua trajetória do conhecimento, conjuntamente associada ao conteúdo, metologia e formas orgacionais do ensino.

Todos os procedimentos utilizados pelo professor deve criar condições prévias de ensino, possibilitando ao aluno o máximo de aproveitamento, e a provocação do desenvolvimento "crítico", que possibilite à atuação do aluno no campo social em que está enserido, de forma crítica e criadora. Assim, o professor deve ser o provocador ou estimulador do processo de aprendizagem, direcionando o processo de ensino através de ações, passos e procedimentos, segundo SANT'ANA¹: 1991 no método de abertura do campo intelectual do aluno.

*...Ensinar não apenas por ensinar;
Mas lutar para levar a luz do SABER;
Acender a luz do conhecimento;
Sempre direcionando e orientando,
Na função do aprendizado e no*

¹ SANT'ANA, Ilza Martins; Menegola, Nasimiliano. Didática. Aprender à ensinar, edição Loyola, São Paulo, Brasil, 1991.

Bem estar do Aluno...

Assim, o professor deve ser o instrumento fundamental para o encaminhamento da metodologia e dos procedimentos do plano de ensino, que deverá estar diretamente associados a busca da transformação.

Portanto, o professor de história, como de outras disciplinas, serão educadores que através da prática profissional, deverá despertar nos alunos o amadurecimento individual para a efetivação individual de cidadania.

A prática de ensino deve estar comprometida com o despertar dos indivíduo, rompendo com as cristalizações que são efetivadas através do tempo, Assim, o educador deve destruir através de "marteladas" às cristalizações, que impedem a construção de um novo tempo, de um mundo recheado de mil leituras acerca das dos costumes, e de possibilidades mil.

A prática de ensino pode ser dinamizada a partir da escolha metódica, de novos caminhos e elementos que possam ser utilizados como utensílios para descobrir o novo, que encaminhe novas posturas de leitura de mundo e de vida. Como é o caso do Cordel, da música e do cinema, etc. Que possam dinamizar e tornar as aulas de história mais agradáveis e atraentes para os olhos da juventude. Essa estratégia permitira o descobrimento do mundo a partir de uma nova leitura, despertando a reflexão que supera as aparências do mundo concreto e instituindo o mundo das possibilidades e do vir a ser.

Estas experiências apresentam perspectivas de articulação entre leituras do mundo e do vivido pelo aluno, que terá em si a busca do amadurecimento empreendido nas aulas, a partir das práticas compromissadas com o despertar dos indivíduos.

Porém, o que percebemos nas escolas públicas e em algumas "particulares" é a redução do conhecimento do mundo ou da prática crítica ao estabelecimento de códigos novos e modelos que inibem e reprimem, centrando-se apenas a permanência das tradições, que torna os indivíduos em apenas reprodutores das idéias, que manipulam e contralam toda a sociedade.

Portanto, a tarefa do professor de história, em sua prática pedagógica, centra-se em um trabalho que deverá analisar a realidade e fazer com que os alunos despertem para a real realidade que os cerca. Acordando para as relações de poder entre os diferentes grupos da sociedade, que ocupam e mantêm as relações diferenciadas entre si.

Assim, o professor de história deve romper com as aulas que mantêm ligada às linhas teóricas tradicionais, que detêm a centralização das estratégias pedagógicas, em conteúdos sem vida, autoritárias e críticas.

Segundo (VEIGA, 1991)², a pedagogia tradicional dissemina que...

"A escola busca disseminar uma visão burguesa de mundo e sociedade, a fim de garantir a consolidação da burguesia industrial como classe dominante..."

Pois o papel do professor em nossos dias, está subjacente a um trabalho desenvolvido para o sujeito, como agente de interação social, funcionando em um estágio de desenvolvimento e surgimento das reflexões e de liberação dos alunos; na abertura do conhecimento e da descoberta do mundo que o cerca.

"... Tratar um conteúdo vinculado à realidade do aluno permitirão mais facilmente se chegar, com ele, ao conhecimento, em sua descoberta, ou seja, apreendê-lo em seu movimento, em suas contradições..."

(Cadernos de História, 1993)

"Pois, todo 'conteúdo' é construção, pois o conhecimento histórico o é. O real não existe de não enquanto conjunto de versões, ou melhor de representações..."

(Cadernos de História, 1990)³

² VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Repensando a Didática*. Campinas –SP: Papyrus, 1991.

³ CADERNOS DE HISTÓRIA. Universidade Federal de Uberlândia – Departamento de Ciências Sociais. Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História. Vol. 1, n. 01. Uberlândia, 1990.

A preocupação que deverá estar sempre em evidência para o professor, será de ser a construção do ato de problematização dos conteúdos, que possibilitarão o encadeamento e análises do conhecimento e o despertar da compreensão dos conteúdos por parte do alunado.

Portanto, a metodologia utilizada pelos professores, deve ser um processo ordenado em uma ação de idéias organizadas no sentido de um planejamento, com o intuito de desenvolver metas educacionais, de uma forma coerente e organizada, com o intuito de desenvolver aulas mais agradáveis, participativas e coerentes com o objetivo a ser atingido, através de esforços mútuos; de uma pedagogia libertadora das amarras que cativam os homens a modelos sistematizados historicamente.

O professor, para atingir o seu desempenho como educador, terá de levar em consideração o planejamento que possui, suas diretrizes e organização, e ainda, um conjunto de decisões que servem para a efetivação de sua ação pedagógica, como professor, construindo assim um planejamento.

O professor deve ser o amigo, que possibilitará o amadurecimento e o enriquecimento intelectual do aluno, e não ser o sujeito que impõe e bloqueia o lado criador do aluno. O aluno precisa de ajuda para conquistar o saber, e o professor deve saber destruir o medo e a pesquisa que impede aos alunos chegarem a luz do saber, do conhecimento.

Assim, a nossa postura nas aulas supervisionadas, foi a tentativa de fazer um intercâmbio dos conteúdos aplicados na sala de aula e o conhecimento prévio da realidade dos alunos, fazendo assim, surgir reflexões acerca dos conteúdos expostos.

A partir desta reflexão do tempo, espaço e das possibilidades, o professor deverá estar atento ao processo de conhecimento e amadurecimento de sua turma, atento também as questões que tendem a direcionar os fatos de uma só direção, fatos esses que centralizam na construção de heróis, vilões e datas, que são cristalizados no percurso do tempo. Assim, o professor deve atentar para o despertar dos alunos, que as datas, fatos, etc., são sacralizações e escolhas estabelecidas

pela classe que deseja manter-se no poder e perpetuar a sua dominação por muito mais tempo.

Assim, podemos concluir que o planejamento é algo imprescindível para a organização e o direcionamento da prática de ensino e das atividades que o professor terá que conduzir. Mas, esta atividade deve ser levada a sério pelo profissional, que deverá ter prazer com a atividade escolhida. E, não fazer como a maioria dos profissionais, que destaca que o planejamento é apenas uma prática burocrática de preenchimento de formulários, sem importância alguma. Devido a isto, é que na maioria das vezes, a produção do planejamento é efetuado só para constar na escola, como um conjunto de documentos sem valor pedagógico. Este planejamento é em sua vez, fechado, inflexível, que não permite a participação dos alunos na sua construção, ou uma reflexão sobre o ato ou a prática de ensino.

Mas, a partir da prática de ensino supervisionado é que percebemos a importância e o significado do planejamento, qual a importância e qual o alvo que tende a dirigir-se. Pois, o planejamento deve ser uma ação pedagógica essencial no processo de ensino e aprendizagem, superando assim a concepção burocrática e mecânica que, por muito tempo, foi visto, tornando-se em um processo libertador, que possui um trajeto internacional que é o de provocar e transformar o aluno em agente, em cidadão crítico e questionador da sociedade que faz parte.

Segundo Farias⁴, 1996:

"...Planejar é preparar bem cada ação; acompanhar a sua realização e avaliar o ocorrido para tomar novas decisões. Portanto, planejar é sem dúvida um ato pedagógico e político, porque cabe ao professor assumir uma postura diante deste processo educativo".

O professor de história, quando estabelece a seleção dos conteúdos no planejamento, deve ter em mente que no momento que

⁴ FARIAS, Eteclvina Maria Valente dos Anjos; FARIAS, Carlos Vasconcelos e TEIXEIRA, Maria do Carmo Couto. *Módulo 4. Metodologia do Ensino Superior*. Brasília – DF, 1996, p. 110

recria o passado, ele parte da reconstrução do passado a partir do presente.

Pois, é a partir do presente, que o historiador constrói as versões historiográficas e suas teorias, através da associação das partículas depositadas através dos tempos. Assim, a função do professor de história é colar estas partículas dispersas pelo tempo e construir a sua versão de história...

"O presente será um artifício pedagógico para encontrar pistas ou tornar o passado interessante..."⁵

O nosso projeto, na prática de ensino supervisionado, é despertar nos alunos o ato de reflexão, da retomada e posicionamento, que possibilitarão aos alunos que tivermos contato, a possibilidade de atuar e refletir criticamente o mundo em que eles fazem parte. Buscando meditar, em grande parte, o mundo real que o aluno faz parte. Buscando meditar, em grande parte, o mundo real que o aluno faz parte, procurando provocar em cada indivíduo a sua objetividade e importância como cidadão crítico e interessado em mudanças sociais.

A história que depende dos modelos tradicionais, tende a estudar o passado destacando do presente, tornando a história algo desinteressante e sem vida, alvo de muitas críticas, que se fundamentam na falta de estímulo e apenas contribuindo para acumular conteúdos e centrando em fatos e causas que não servem para o amadurecimento do alunado nem para a sua vida.

A nossa esperança é que, a partir da conscientização de alguns professores que se mantém ligados a estes modelos tradicionais, despertem para uma abertura, que leve o alunado a pensar, refletir a sua história, como parte desses jogos de poder e saber, que acumulados no tempo, possibilitarão a construção da sociedade da qual hoje fazemos parte.

A história só terá importância, para o aluno, quando ela desencadear a conscientização do homem, como cidadão, consciente

⁵ LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

e sujeito de transformação. Porém, isso só poderá ser possível quando os professores permitirem a abertura dos canais e o crescimento quantitativo e qualitativo do cidadão, consciente e participativo. Rompendo com a própria noção de História pautada em princípios que estabelecem a construção dos heróis, das datas cívicas e dos fatos.

Nós, como iniciantes, devemos valorizar a construção de elementos significativos, associados ao nosso presente, não negando a importância do passado, mas, partindo do presente para construir a noção do passado. E, ter em mente, que o planejamento deve sempre estabelecer a sistematização e organização dos conteúdos diretamente ligados a "realidade do aluno", as suas experiências e conhecimento do mundo. Pois, só assim, é que podemos buscar novos caminhos para a aprendizagem de qualidade e valorizada pelos alunos.

"... A partir de elementos levantados para o exame de uma determinada realidade histórica, espera-se que os alunos façam em sala de aula, um trabalho de reflexão, interpretação e discussão de dados: espera-se que expressem suas reflexões, estabelecendo relações entre tudo que foi trabalhado e, talvez, até avançado além do que já foi dito em classe..."

(Cadernos de História, 1990, p. 146)

A partir destas reflexões, a respeito do ensino e da forma de atuação dos professores, outros problemas devo chamar atenção, que diz respeito ao Livro Didático. Como se trabalhar com estes instrumentos, que direcionam e determinam conteúdos e conceitos nem sempre bem explicados que, por sua vez, em muitos casos, deixa muito a desejar?

Mesmo sendo muito difícil fugir dele, o professor têm de ter em mente que existe fontes de um valor inestimável e que pode ser utilizados como instrumentos históricos ou fontes históricas, como é o caso da música, a fotografia, o cordel, as imagens, etc. Estas fontes inovações que possibilitam dinamizar as aulas de história, e, que foram por muito tempo marginalizados e descritos como sem valor ou fundamentação histórica.

O professor pode dinamizar e construir, através de novas estratégias, um novo trabalho, de temas e conteúdos, que por muito tempo foram marginalizados, como é o caso da cultura, do amor, da sexualidade, das mentalidades, etc.

Uma das tendências que posso destacar, que possibilitou esta inovação, foi a teoria FOUCAULTIANA, que buscou nos temas marginais a sua fundamentação histórica, e assim, instituiu uma nova forma de ver e descrever a história. Assim, seria a função do novo professor de História, criar novos caminhos que possibilitem a construção de uma aula com elementos significativos, que chamem a atenção dos alunos.

Mediante estes fatos, podemos concluir que existe mil formas e possibilidades de construir novos conteúdos, conceitos, com o intuito de inovar. E, a partir destas inovações, as aulas possam ser agradáveis, objetivas, participativas, fugindo da rotina e das aulas chatas, desagradáveis e acríticas no mundo que vivemos.

Em nosso estágio supervisionado, procuramos inovar, desde a busca de novos conteúdos que permitem a participação efetiva dos alunos, como também, direcionar o campo cultural em nova perspectiva. Pois, a nossa instrução seria a de possibilitar a construção do conhecimento a partir de um corte cultural que atendesse uma nova leitura de mundo e as relações do homem no campo político e dos costumes. Passando a estabelecer um parâmetro do presente com o passado, e não tendendo a estudar o passado pelo passado. Mas, tentando ver o nosso mundo mesmo que exista permanências, ver o mundo de hoje com uma sociedade recheada de possibilidades e de caminhos mil a serem estudados.

CAPÍTULO II

PLANEJAMENTO:

O MUNDO DAS POSSIBILIDADES

O planejamento é uma atividade que faz parte da vida do homem, desde o seu cotidiano às práticas do seu dia-a-dia, principalmente, no caso do professor, que deverá ter o planejamento como algo de grande importância na sua profissão, como educador.

O planejamento não deve ser um elemento que esteja para instituir ou cumprir prazos, rotulando formas, mas, deve ser um ponto fundamental para efetivar ações que tenha sentido amplo, de como fazer, e, partir em conjunto para estabelecer a construção do próprio ato de aprendizagem.

Rompendo assim, com o que é instituído, ou seja: "as tendências tradicionais", e buscar novos projetos que tenham em si um horizonte de tarefas amplas e que possibilitem a participação efetiva do alunado, e que possam ser desenvolvidas em sala de aula.

Por muito tempo, o planejamento era considerado algo meramente burocrático, como: preenchimento de formulários, numa concepção puramente tecnicista. Porém, em nossa prática diária como educador, o planejamento possui uma dimensão de transformar, visando o esclarecimento e o crescimento individual dos homens, a partir de uma aprendizagem democrática que possui a proposta pedagógica pautada num processo político onde possibilitar o ato do despertar. Este processo de despertar, fará com que os alunos percebam o conjunto de jogos e relações de poder político, social e econômico que o cerca, fazendo com que o desperte o lado crítico dos indivíduos. Este estímulo tem a proposta de ir além das imagens e captar o que está encoberto pela poeira do tempo.

Diz Etelvina⁶ (1996)

⁶ FARIAS, Etelvina Maria Valente dos Anjos; FARIAS, Carlos Vasconcelos; TEIXEIRA, Maria do Carmo Couto. Curso de Especialização. Módulo 4. Metodologia do Ensino Superior. Brasília - DF, 1996.

"... Ter um projeto pedagógico é ir além da descrição de tarefas e serem desenvolvidas em sala de aula. E assumir o compromisso com o que ali ocorre, como e quando, pois é no cotidiano dos professores e alunos, na construção do conhecimento, que o planejamento ganha vida e realmente acontece..." (p. 107).

O planejamento deve ser sempre um ato pedagógico, que refletirá a visão do professor, seu posicionamento diante do mundo da educação, pois devemos ter sempre em mente que o planejamento é sempre um ato político. Ele é em si, uma apresentação e uma organização de decisões estabelecidas pelo professor em relação à disciplina que se propõe a lecionar.

O planejamento não deve ser uma linha fechada, acabada, mas sim, flexível, que deverá adaptar-se a novas necessidades quando se fizer necessário. Pois, a partir do momento que o planejamento é visto pelo professor como algo flexível, ele poderá direcionar o seu trabalho, com um trajeto intencional, que se faz através do processo que tornará o aluno em agente de transformação.

".. E ainda, que o conceba como uma atividade básica e essencial da dimensão técnica-pedagógica, uma vez que é uma atividade direcional, metódica e sistematizada, empreendendo entre professor e aluno, para que a aprendizagem aconteça..." (Idem).⁷

Na prática de ensino é que damos conta que, o planejamento envolve um conjunto de procedimentos ligados à competência do professor e, principalmente ao compromisso e aos procedimentos necessários para o ato de aprendizagem. Os elementos que compõem o planejamento do professor está diretamente ligado ao posicionamento do professor diante de seu

⁷ FARIAS, Etelvina. Et all. Op. Cit.

trabalho, como educador, refletindo suas idéias e teorias educacionais.

FARIAS (1996) destaca que:

"... O ideal seria que o professor compreendesse as teorias educacionais para melhor visualizar as contradições existentes. Dessa forma, o planejamento será concebido também como gerador de conhecimento junto aos alunos e não como um produto acabado..."

Na perspectiva de Martins (1990:21), o professor deverá estar ligado ao processo e às dimensões que fundamentam o planejamento, ou seja, a dimensão humana, técnica e sócio-política, que deverá ser os princípios para a construção do planejamento e da ação pedagógica do professor.

O professor como educador deverá possuir atitudes críticas diante dos diferentes métodos educacionais existentes; possuir uma visão global não preconceituosa, objetiva e coerente com a metodologia escolhida e aplicada pelo mesmo. Os professores, como educadores, deverão respeitar a sua profissão e a dos demais colegas, partindo para um engajamento dentro de uma educação consciente e transformadora.

Hoje, os professores tendem partir para uma nova visão de educação, através do trabalho docente, pois, a tarefa de planejar exigirá a existência de uma ação pedagógica essencial para a tarefa do ensino, superando as concepções mecânicas e burocráticas que até a década de 80, eram impostas aos pedagogos ou professores.

O planejamento, atualmente, tende a proceder como um elemento que deverá ser aberto, flexível, dinâmico num participativo e coletivo, fazendo com que os alunos se ponham a refletir e compreender o mundo do qual fazem parte. Esta nova postura reflete um novo posicionamento pedagógico, por parte do professor. O ato de planejar é, sem dúvida, um procedimento pedagógico e político.

O professor, como profissional, no momento que compõe o planejamento, ele determina e define os elementos primordiais de

sua postura, desde a escolha dos objetivos, conteúdo, metodologia e avaliação. Ele didaticamente está refletindo a sua competência como profissional e educador.

Mas, para que o planejamento tenha expressão, o professor terá que observar e levar em conta os seus objetivos, traçados, escolhidos e pontuados no plano de aula e de curso, sempre abordando-os e estabelecendo os princípios básicos da didática, que serão apresentados durante o percurso de seu curso. Pois, é necessário que o professor nunca perca de vista a sua concepção de educar e está sempre atento as novas possibilidades de leitura do mundo, do homem, etc., sempre estando atento às implicações políticas, sociais e econômicas em que estamos inseridos.

Assim, o professor terá que romper com os caminhos definidos e estabelecidos pelas linhas tradicionais, e buscar novos desafios, criando novas alternativas; e possam desencadear novas possibilidades que tenham o intuito de interferir no que está estabelecido para, só assim, poder colher fragmentos da realidade do vivido ou sentido pelos homens, nos mais distintos períodos da história ou da humanidade, se for o caso dos professores de história. Esta interferência deverá ter o intuito de desencadear transformações no próprio ato de ensinar. Portanto, cabe ao professor, estar sempre atento a realidade social do aluno, para qual o planejamento será desenvolvido. Pois, só assim, o professor poderá encaminhar o seu projeto, suas tarefas, buscando sempre envolver o conjunto como um todo no seu plano de ação ou de transformação.

O planejamento possui em si uma aglutinação de elementos que o compõem. É o caso do objetivo, conteúdo, metodologia e avaliação. Este conjunto já estabelecido terá de partir para o ato da aprendizagem, ou seja, a prática pedagógica estabelecida pelo professor, e, partir para o processo ensino-aprendizagem. Cada um desses elementos possui sua tarefa no ato da aprendizagem.

OS OBJETIVOS

Os objetivos - ele é em si - o ponto de partida e de chegada do fazer pedagógico em sala de aula.

Segundo Libâneo (1991), ele pode ser dividido em objetivos da prática pedagógica não crítica e crítica. No primeiro caso, o objetivo é fechado, limitando a ação do professor e do aluno; centrando-se apenas no ato de ensino e aprendizagem. A ação da pedagogia não crítica é totalmente desvinculada da realidade do aluno, servindo apenas como um instrumento repressor e controlador.

Entretanto, na prática pedagógica crítica, ela busca a transformação a partir de objetivos abertos e provocativos, possibilitando a extrapolação do conhecimento em sala de aula e leva em conta a vida e as experiências dos alunos.

Etelvina (1996:113), diz:⁸

"... Tudo isso resulta em dar ao aluno, múltiplas possibilidades de ação, para que se utilize de sua imaginação para resolver problemas que deverá enfrentar as tarefas das quais deverá participar..."

Esta retomada permitirá o ato de abertura e das multiplicidades que cercam o dia-a-dia dos indivíduos, que resulta no caso do despertar crítico nos alunos; que utilizará das múltiplas possibilidades para resolver seus problemas. Este momento, ele utilizará a personalidade crítica, que foi desencadeado em sala de aula. Possibilitará o seu posicionamento diante das reproduções que tendem a classificar e determinar a sociedade o que é certo ou errado. E, só assim poderá ser um sujeito maduro, consciente de seus atos.

Os objetivos críticos tem a função de valorizar o processo ensino-aprendizagem, resgatando o "real", a descoberta e, a busca na construção de um processo de ensino-aprendizagem.

⁸ FARIAS, Etelvina Maria dos Anjos. Et alli. Op. Cit.p. 113

Portanto, o objetivo é fundamental para determinar a prática pedagógica, pois só a partir dos objetivos é que o professor irá selecionar e organizar os conteúdos, a sua metodologia e determinar o método de avaliação, buscando situar num contexto sócio-econômico e político, que terá os princípios de determinar desafios para os alunos.

O CONTEÚDO

Como parte do planejamento, a seleção dos conteúdos deve partir de um posicionamento por parte do professor, que deverá estar atento a um trabalho associado ao sócio-político, buscando desafios que devem ser superados e desencadear novos caminhos, forjando alternativas a fim de interferir na realidade e na transformação do aluno.

Libâneo⁹ (1994) destaca que os conteúdos devem retratar as experiências acumuladas da humanidade, transformando um instrumento pelo qual o aluno compreende e enfrenta as exigências teóricas e práticas da vida social.

O professor deve procurar meios de desenvolver o seu trabalho, estabelecendo relações direta entre a teoria e a prática pedagógica, fazendo uma seleção dos conteúdos e problematizando-os para assim atingir o propósito da prática pedagógica.

Uma das posturas necessárias que o professor poderá estabelecer está diretamente ligado à aula dialogada, o qual reflete o intercâmbio entre o professor e o aluno; mas é preciso que o professor saiba ouvir os alunos para logo após, poder falar. Só assim é que o professor poderá utilizar a práticas dialogadas.

⁹ LIBÂNEO, José Carlos. *Didática* (Coleção Magistério – 2º grau – série formação do professor). São Paulo: Cortez, 1994

METODOLOGIA

A metodologia poderá estar intimamente relacionada com os conteúdos. Pois, a escolha do professor deverá estar articulada com a postura pedagógica do mesmo.

Assim, o professor tenderá a trabalhar as estratégias de ensino na construção do conhecimento.

A metodologia deverá estar articulada através de diferentes dimensões, desde a humana, técnica e sócio-política, que irá possibilitar o desencadeamento e superação entre os alunos; da visão que tende a direcionar os fatos para uma única direção. É aí que entra o papel do professor, como sujeito de transformação, que deverá instrumentalizar a visão crítica dentro de sua prática pedagógica. Esta tomada é específica para o desenvolvimento do pensamento e do raciocínio dos alunos.

Portanto, a preocupação do progresso deve estar ligada a uma prática pedagógica dinâmica que tem o processo de aprendizagem de seus alunos.

Segundo FARIAS¹⁰ (1996:122)

"... o método é que orienta o processo de ensino, estabelecendo um elo entre a ação do processo e a do aluno, rumo a produção do conhecimento..."

Portanto, o método é, em si, o caminho, o direcionamento e os procedimentos utilizados na ação docente, pois é o que orienta e direciona no processo de ensino.

AVALIAÇÃO

O professor deve perceber que a avaliação não é um ato ingênuo, nem neutro, mas, que poderá ser utilizada como um ato político, inserido na prática pedagógica, comprometida para o melhoramento da educação e da vida dos indivíduos ou dos alunos.

¹⁰ FARIAS, Etelvina Maria dos Anjos. Et all. Op. Cit. p. 122

"... Para que a avaliação educacional escolar assuma o seu verdadeiro papel de propulsora do crescimento, ela terá que se situar a estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e, não com sua conservação..."¹¹

o que percebemos entre os professores (tanto da rede estadual como das escolas privadas) é a falta de "tempo" para realizar uma avaliação concreta, ou mais completa, uma vez que a maioria dos professores lecionam em vários colégios e sempre nos 03 turnos, faltando tempo para o planejamento como na efetivação de uma avaliação completa. Assim, o que acarreta é uma avaliação chata e simples através de uma prova, que não prova nada, restringindo pura e simplesmente em uma decoreba, para a fundamentação apenas na aprovação no final do ano.

Segundo Farias¹² (1996) destaca:

"... que nas provas, o professor detém as informações e espera que os alunos as devolvam de forma que ele as vê. Isso gera uma conspiração por parte dos alunos, estabelecendo um pacto de aprovação a partir do momento que eles assimilam os macetes do professor, fazendo exatamente aquilo que o professor espera deles..." (p. 133)

A avaliação, segundo HOFFMAN (1991), é uma construção de promessas básicas de verdade e de valores que manifesta o interesse nos educandos.

Portanto, o professor terá de perceber que o aluno não é apenas um gravador de idéias ou informações, mas, um ser humano que emite opiniões, possui atitudes, interesses e afetividade, que vai sendo construído a partir de uma prática pedagógica crítica. O professor deve ter consciência de que a avaliação não é o momento terminal do processo de educação, mas, um momento

¹¹ LUCKESI, V.M. *Avaliação da Aprendizagem*. In: Vciga, I.P.A (org.) *Repensando a Didática*. 6. Ed., Campinas: Papirus, 1994.

¹² FARIAS, op. Cit.

para se perceber as dificuldades do aluno e dinamizar novas estratégias de oportunidade para a aprendizagem.

A avaliação como um fazer pedagógico, caracteriza-se como um processo de diagnóstico que tende a procurar e despertar o crescimento do aluno, pois só assim, é que o professor poderá acompanhar passo a passo a construção, os avanços e os retrocessos que caracterizam o ato da aprendizagem.

Segundo Libâneo (1994:196), a avaliação é um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinando a correspondência destes com os objetivos propostos e daí orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas..."

No entendimento de Kenskt (1991), "... a avaliação, no cotidiano da sala de aula, não se separa do cotidiano dos alunos"

Portanto, o ato da avaliação está associado tanto na avaliação do professor como a do aluno, pois ambas as partes permanentemente estão sendo avaliados e vice-versa.

A tudo isto e a outros elementos é que percebemos o valor do planejamento, pois ele não deve ser visto como um elemento para instituir ou para cumprir prazos formais, mas deve ser percebido como uma efetivação de ações docentes, na construção da aprendizagem. O professor atualmente deve buscar romper com as tendências tradicionais, buscando novos projetos que tem em si o horizonte de tarefas amplas, participativas que possam ser desenvolvidas na sala de aula.

*"...O planejamento tradicional...
"a rigor não era bem planejado, era muito
mais o estabelecido de um roteiro, que era
aplicado a qualquer realidade..."¹³*

Devemos perceber o planejamento como um elemento de libertação, que deve permitir a participação do aluno conjuntamente com o professor. Por que o professor não é o especialista ou sabe tudo.

¹³ VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Planejamento: Plano de Ensino – Aprendizagem e Projetos Educativos*. Vol. 1. São Paulo: LIBERTAD, 1995.

"... o saber deixou de ser considerado como propriedade de especialista, passando-se a valorizar a participação, o diálogo, o poder coletivo local, a formação da consciência crítica a partir da reflexão sobre a prática transformadora". (idem)

O planejamento, antes de ser apenas uma questão meramente técnica, é uma questão política, que envolve posicionamento, opções, jogos de poder, compromissos, etc. E o papel do professor é fazer com que os alunos, como agentes de transformação, interliguem as equipes que serão fundamentais para o desencadeamento da sociabilidade, e, de reciprocidade entre os segmentos que compõem a equipe.

O professor como sujeito de transformação, deve objetivar o seu compromisso com os alunos, fundamentando a sua proposta com a sociedade, que, só através destas propostas, é que ele conquistará espaços de mudança e de interligação da criatividade e do conhecer. O compromisso do professor é o de assumir o papel de transformador, não de uma realidade fora da sua, mas, a partir do conjunto que fazemos parte.

"... Pois a atividade primordial que deve exercer o professor é crer na possibilidade de mudança do outro... A atividade do professor esta relacionada a transformação do sujeito educado..."

(VASCONCELOS - 1995:39)

A sala de aula será o ambiente de transformação e não de submissão ou controle, mas, o lugar que o professor deve aproveitar para colocar em prática a sua ação de transformação.

Portanto, o papel do professor é o de livrar a superfície da "verdade", a poeira que as cobre, para assim, percebermos as contradições que cercam a nossa sociedade.

"... O aluno necessita ver seu mundo levando em conta pelo educador, para poder haver interação, mas, ao mesmo tempo, precisa ser

ajudado a ampliar esse mundo, a superar as visões parciais, distorcidas, mistificadas, reducionistas que estão impenhadas no senso comum..."

(Idem)

O professor também deve estar atento ao próprio conhecimento do aluno, para que se ocorra a interação de ambas as partes, fazendo com que os alunos despertem para o mundo que os cerca, visão esta que tem o papel de superar as imagens distorcidas do senso comum.

Assim podemos destacar que o papel primordial do professor de história está diretamente ligado a um trabalho pedagógico, ligado à perspectiva crítica, que possibilitem o despertar do que estava oculto na "realidade", principalmente as tramas que envolvem as relações sociais, políticas, econômicas, etc. Pois este papel de transformador deve ser capaz de revelar a face oculta das experiências de vida, aquilo que não é captado no cotidiano.

Para que ocorra esta captação, o historiador deve demonstrar que nada é neutro, pois atrás das relações sociais, políticas ou econômicas existem valores e visões de homens e do mundo que determinam e lançam os interesses particulares, de homens que possuem o poder nas mãos.

Para tornar as aulas participativas, interessantes, existem elementos que podem estabelecer os fundamentos para este propósito. Depende muito da metodologia e, principalmente, o afeto e o respeito estabelecidos em sala de aula, tanto por parte do professor como pelo aluno. Mas, a trajetória do professor está associada à própria idéia de demonstrar ao aluno que as imagens iludem mentem e mostram a forma estabelecida, mas, que o aluno deverá ter muito cuidado com estas estruturas acabadas e, perfeitas, etc. Pois, elas possuem uma elaboração ambígua, de interesses de classes que desejam perpetuar seu controle, seu poder sobre o resto da sociedade. Mas, a partir da elaboração crítica, os alunos poderão perceber que eles são capazes e responsáveis pelo futuro do país e do amanhã, transmitindo que os

mesmos fazem parte da história, pois eles também são sujeitos da história e que dela faz parte.

A partir das aulas de história, o professor deverá despertar nos alunos, de que tudo é história, é uma construção, que faz parte da escolha, "instituindo verdades", e destacando que os fatos podem possuir "verdades", é não a "verdade", única e simples. Portanto, o papel do professor de história é formar cidadãos capazes de perceber o mundo e suas contradições, e ser capaz de reivindicar seus direitos, que são instituídos e garantidos na constituição.

Devemos estar atentos a concretudes dos "conceitos" e as relações com a realidade, pois a partir das escolhas é que o professor deve despertar nos alunos, que o conhecimento é uma construção do homem, como também, as leis, a política, mas, destacando que tudo pode mudar e transformar-se, dependendo do contexto e das necessidades de cada sociedade.

GAP - Grupo de Ação Pedagógica¹⁴ (1987:2), destaca que:

"... A história dos conceitos é um dos passos rumo a conscientização do aluno, do papel que cada indivíduo arruma na construção do conhecimento e como o conjunto das relações sociais interagem em um determinado tempo e produzem o conhecimento da época..."

Assim, o papel do professor como transformador, não é uma tarefa fácil, ela apresenta-se como um desafio. Porém, que não é impossível; basta um intercâmbio entre o compromisso do professor associado ao desejo de mudança para com esta sociedade, hipócrita e seletiva, que exclui e marginaliza grande parte da sociedade brasileira.

¹⁴ GAP - Grupo de Ação Pedagógica - *A História dos Conceitos: caminhos para o ensino da matemática*. São Paulo: Gap, set-1987

CAPÍTULO III

A MULTIDIMENSIONALIDADE DA AÇÃO

A prática de ensino do período 97.2, teve seu início no dia 10 de novembro do corrente ano, sob a orientação da professora Eronides Câmara Donato, que foi importante para todos nós, no encaminhamento da prática de ensino.

Os primeiros dias com os alunos da Escola Severino Cabral, foi repleto de entusiasmo e apreensão, entre nós estagiários. Os olhares, as vozes, perguntas refletiam a ansiedade e o desejo de construir algo novo.

Este contato desencadeou em nós, estagiários, o desejo de construir tarefas que tendessem a envolver a turma, no ato da edificação do saber e na conscientização dos alunos como sujeitos sociais, conscientes e atuantes.

A apreensão e o medo, foram instrumentos que se transformaram em coragem, para enfrentar, pela primeira vez, uma turma repleta de pessoas que esperavam de nós algo novo, aulas mais vivas e participativas, que refletissem outras possibilidades que inovassem e proporcionassem aulas mais agradáveis.

O medo foi algo que invadiu meu ser, porém, a vontade de encaminhar e construir possibilidades, foi mais forte. A voz saiu com vigor e força, fazendo a coragem nascer aos poucos, destruindo as barreiras que criávamos a todo momento, e assim, atingir a plenitude de edificar, em conjunto, o saber com os alunos.

Em nossas reuniões da prática de ensino, definimos os passos a serem dados; calculamos e forjamos possibilidades que poderiam ser utilizadas para o encaminhamento do ato da aprendizagem, e que dessem oportunidades para a efetivação de uma abertura para a participação do alunado em nossas aulas.

A nossa coordenadora da Prática de Ensino, Eronides Câmara Donato, sempre chamava a nossa atenção para a responsabilidade, mostrando-nos os caminhos a serem percorridos para, assim, atingirmos os objetivos e a satisfação do

encaminhamento da Prática de Ensino. Transmitindo que é só através da calma, simplicidade e amizade, que poderíamos romper os obstáculos que iríamos encontrar no percurso do estágio supervisionado.

O Estágio Supervisionado, foi na Escola Estadual Severino Cabral. Escola estabelecida pela coordenadora e orientadora, por nos fornecer amplas vantagens, e conseqüentemente, abrindo um intercâmbio maior entre a universidade com a escola em questão. A escola abriu as portas para nós, estagiários da UFPB, com o intuito de proporcionar espaço físico e prático para a concretização da prática e o engrandecimento do estagiário, frente à profissão abraçada.

A diretoria, junto com todo o seu efetivo escolar, nos recebeu muito bem, comprometendo-se a contribuir com materiais didáticos (mapas, vídeo, cordel...) necessários para o encaminhamento e a realização da prática de ensino.

Porém, apesar da ajuda, tivemos algumas dificuldades, como por exemplo: ter acesso ao planejamento de curso como o de aulas. A professora da disciplina relatou que tinha elaborado os planejamentos, tanto o do 1º como o do 2º grau, entretanto não os vimos e nem tivemos acesso aos mesmos. Mediante o fato, o nosso trabalho foi direcionar a construção do planejamento, a partir da escolha e cortes temporais da história, estabelecida pela professora.

Diante destas impossibilidades, percebemos a falta de interesse e de compromisso pelos professores perante a necessidade de planejar e realizar o planejamento.

Martins¹⁵ (1989) destaca:

"... O fato de o professor nem sempre ter clara a concepção de planejamento de ensino fez com que, a didática prática e o planejamento tenha se constituído numa tarefa burocrática e sem sentido, em que persiste a separação entre o pensar e o fazer"...

¹⁵ MARTINS, P.L. op. Cit.

Mesmo assim, fizemos o nosso planejamento e escolha, direcionando os nossos objetivos já fundamentados com nosso posicionamento teórico-metodológico, em diretrizes com as disciplinas escolhidas. Porém, para nossa alegria, todas as séries estavam a nossa disposição, só faltando estabelecer quais seriam as escolhidas.

A minha escolha foi a 8ª série do 1º grau e a 2ª série do 2º grau (2º ano científico), todas centralizadas em um único turno - noite -, possibilitando assim, um intercâmbio maior entre nós e a escola, e principalmente com os alunos.

Para nossa surpresa, o primeiro contato com a professora de história foi desolador, pois ela nos descreveu o perfil de cada turma, principalmente os alunos mais estudiosos, e enfatizando os mais preguiçosos, bagunceiros, relatando que não tivéssemos nenhuma preocupação com eles.

"... Um professor que, por exemplo, rotula uma determinada turma de "incapaz" ou "bagunceira", mesmo em situação que demonstra uma evidente mudança no comportamento dos alunos, o professor não consegue ultrapassar esse juízo inicial, apresentando uma atitude cristalizada, preconceituosa, face a turma..."
(VEIGA, 1991:134)¹⁶

A imagem que tínhamos a nossa frente era um reflexo, de educação "doente", sem quase possibilidade de melhoramento. Esta é a imagem da nossa educação. Porém, perguntamos a nós mesmos: será que a culpa desse desinteresse é apenas do aluno ou será que o professor também não tem sua parcela de culpa, principalmente pelo desinteresse e falta de compromisso com os alunos?

Esta questão é propícia para uma avaliação total da educação, buscando as pequenas migalhas que não são dadas valor. Pois é a partir dos pequenos problemas que poderíamos resolver os grandes.

Segundo Candau¹⁷, 1990.

¹⁶ VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Repensando a Didática*. 5. Ed., Unicamp: Papyrus, 1991

¹⁷ CANDAU, Vera Maria. *Rumo a uma nova Didática*. 3. cd., Petrópolis: Vozes, 1990

"...Pensar na educação brasileira hoje, exige portanto a reflexão sobre a prática pedagógica existente, ou melhor, a reflexão sobre os caminhos de reconstrução dessas práticas..."

Mas, a partir da experiência acumulada através dos tempos, percebemos que é possível haver uma outra mudança, e, os professores tem de ter conscientização dessas necessidades de mudança significativa, rompendo com as práticas tradicionais de uma vez por outra, para possibilitar o processo de aprendizagem.

Para Saviani¹⁸ (1984), uma verdadeira inovação, no sentido de aprimorar a capacidade técnica do professor, só é obtida quando a educação é alterada em sua própria finalidade e, não procurando os meios considerados mais adequados e eficazes para se estabelecer o processo educacional.

O professor deve estar atento as novas alternativas que envolvem os alunos, num processo de investigação, ou seja, com o intuito de provocar novos caminhos que consistem em oferecer ao aluno um problema bem determinado, de múltiplas possibilidades de ação. O aluno deve pôr a imaginação no processo da busca de resolução dos problemas que virão a aparecer. Assim, tanto o professor como o aluno estarão interligados a um processo dinâmico, que poderá tracár novas formas de construir o conhecimento significativo, em uma relação de sujeito-objeto. Através desta abertura, o conhecimento torna-se-á algo muito mais interessante e agradável, para os alunos. Entretanto, o professor para atingir o trabalho proposto, terá de criar mecanismo que propiciem o encaminhamento do seu trabalho, criando condições e formas para estabelecer tanto o crescimento intelectual, cultural, político do aluno como o seu próprio. Este intercâmbio propicia o crescimento de ambas as partes.

VEIGA¹⁹ (1991) diz:

¹⁸ SAVIANI, D. A. *Filosofia da Educação e Problemas da Inovação Educacional do Brasil*. São Paulo: Cortez, 1980.

¹⁹ VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Op. Cit.

"... Este intercâmbio tem em si o propósito de crescimento do educador e do educando. Numa verdadeira relação pedagógica de crescimento mútuo: o professor cresce e o aluno também..."

A falta de compromisso e de interesse dos alunos nas disciplinas, é motivo para que os professores façam uma auto-avaliação em torno de seus objetivos, seus conteúdos e suas metodologias. Os professores devem ter em mente, que é através do planejamento, que ele tem a possibilidade de inovar, de criar aulas que estimulem os alunos e possibilitem o crescimento através da relação das práticas vivenciadas pelo alunado e os conteúdos lecionados pelos professores. A tentativa de inovar e buscar novas possibilidades de aprendizagem, será o caminho de tornar as aulas mais agradáveis e participativas. Mesmo que esta inovação possa ser difícil, porém, ela nunca é impossível. Só precisa um pouco mais de interesse dos professores para construir um horizonte de possibilidades e de trabalho, além do que é dado em sala de aula.

"... A partir de elementos levantados para o exame de uma determinada realidade histórica, espera-se que os alunos façam, em sala de aula, um trabalho de reflexão, fruto da sua experiência, observação, interpretação... Espera-se que expressem suas reflexões, estabelecendo relações entre tudo que foi trabalhado e, talvez avançando além do que já foi dito em sala"...

(Ver. Brasileira de História, 1990:146)

Esta tentativa de criar uma nova metodologia que possibilitasse a construção do saber, foi utilizada por nós, na prática de ensino, com o intuito de inovar e criar um conjunto de meios que dinamize a aprendizagem, como é o caso do vídeo, cordel, dentre outros.

A nossa escolha foi uma interpretação do mundo a partir dos relatos fragmentados do cordel, em que resgata da história,

as migalhas dos acontecimentos que marcaram os homens e a nossa história nordestina.

Esta aula foi efetuada no dia 25 de novembro do corrente ano, partindo da promessa de construir a imagem do coronel, dentro da literatura popular, feita por homens semi-analfabetos que descrevem e constroem as imagens, na sua visão e versão, do homem, dos costumes, dos valores morais do homem do interior do Nordeste.

O cordel é um livro, cujos folhetos expressam a mais genuína forma de valores, mitos e do modo simples do homem ver o mundo. O cordel foi adaptado no Brasil, fruto dos romanceiros ibéricos e que foi assimilado pelo poeta nordestino. São históricas que possuem uma visão poética do nordestino. E, para mim e para vários historiadores, uma fonte rica para pesquisa do nosso espaço, da nossa cultura, das relações de poder e do saber, que expressa, através das relações, a formação da nossa sociedade.

A representação do cordel é o elemento que faz parte do nosso cotidiano, da nossa vivência e do nosso conhecimento. A comparação foi realizada através de fragmentos escolhidos, onde os alunos fizeram a comparação do nosso dia com a representação da imagem do coronel nos cordéis.

O cordel do poeta José Soares, intitulado de "O Encontro do Coronel Guarabira com tempero de Valentão", descreve os aspectos da vida dos homens simples, a hierarquização social e as experiências do dia-a-dia.

Esta experiência foi muito gratificante, pois percebi através de uma simples atuação e da utilização do fragmento do cordel, o entusiasmo e a participação vibrante dos alunos na sala de aula. Notei, também, que através de um entrosamento e de uma escolha certa da metodologia, o professor pode criar novas leituras de mundo, com o intuito de despertar o lado crítico do aluno, em relação ao campo sócio-político e econômico, não só dos fragmentos de cordel, mas no dia-a-dia.

*"... O dono dessa fazenda,
um coronel de patente,
usava um punhal lombrado,*

*pra tirar sangue de gente,
só amava duas coisas:
dinheiro e homem valente".*

(Poeta e Repórter José Soares: 1973)²⁰

Percebemos nestas linhas, que a palavra simples e "ingênua" do poeta, reflete um sentimento e uma figura isolado no nosso passado, mas que representa as formas de construir o ser simples, que sente o mundo que o cerca; percebe as suas transformações e mudanças. E, esta visão tende a estabelecer o que é certo para o homem simples, bem como, os seus desejos, fugindo da visão oficial, que manifesta o que é certo ou errado.

A minha preocupação era buscar instrumentos que possibilitassem uma metodologia mais simples, porém interessante, que funcionasse entre os alunos como uma nova fonte, desencadeando uma aprendizagem simples e reflexiva do mundo que fazemos parte.

Dessa forma, percebemos que a educação e a aprendizagem pode ser efetuada através de instrumentos simples, como é o caso do cordel. Instrumento simples, porém, rico em fonte de análise que pode contribuir para a edificação do "real", destacando a realidade nordestina, a qual fazemos parte. Portanto, através desta reflexão, compreendemos que existem recursos para alcançar a instrumentalização e propiciar possibilidades de criar princípios de aprendizagem e crescimento individual. Pois, a nossa tentativa é a de traçar novos caminhos, alternativos no sentido de criar conjuntos de ação, viva e dinâmica que levasse os alunos a associarem as aulas com as suas experiências do dia-a-dia.

"... O ensino é sempre mais que o ensino. O ato pedagógico, em cada situação particular, ultrapassando os limites dessa situação põe em causa a existência pessoal no conjunto..."²¹

²⁰ SOARES, José. *O Cordel: testemunha da história do Brasil*. Antologia, nova série, fundação Casa Rui Barbosa, 1987, Editora Ébano.

²¹ GUSDORF, Georges. *Professor para quê? Para uma Pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 58

Um problema que percebemos no estágio supervisionado, foi a questão da falta de entrosamento entre os alunos com a professora. Eles enfatizaram que a professora é muito autoritária, mandona e impunha uma posição bem diferenciada aos alunos.

A nossa atuação tinha uma interação simples, mantendo uma reciprocidade com o intuito de buscar e abrir formas mais participativas através da troca de idéias e atuação dos alunos na aula, objetivando o despertar do aluno de maneira reflexiva, mediante a exemplificação dos fatos expostos.

Mas, foi a partir destas observações que nós, estagiários, buscamos incansavelmente, recursos didáticos, capazes de contribuir e envolver os alunos no caminho da edificação do saber e dos valores que despertam o aluno para o novo rumo do conhecimento reflexivo e amplo. E, isto é uma ação do professor, como agente de transformação do conhecimento, rompendo com os preconceitos e "medos" de criar novos mecanismos que possam transmitir informações inovadoras e que construam "homens" mais criativos, com raciocínio mais lógico.

Já a reflexão do livro didático, está centrada na "folha" onde a maioria dos professores direciona como o único caminho para a aprendizagem. Mas, o livro didático, ao meu ver, inclina-se a apresentar uma face da "realidade", ocultando a outra. A face que é mostrada a nós, está repleta de valores eletrizantes, generalizando, de forma global, toda sociedade que imaginamos sem refletir os fatos como realmente aconteceram, principalmente a vida do homem simples, como o proletariado ou o homem do povo que sempre é deixado à margem da face oculta.

"... para persuadir o proletariado de que é livre, que o mundo capitalista é um mundo de liberdade em que as probabilidades são iguais para todos, é necessário não se dizer nada sobre o mecanismo de exploração e de antagonismo entre as classes..."²²

²² SNYDERS, G. *Pedagogia Progressiva*, Coimbra: Livraria Almedeira, 1974.

Em nossas indagações, compreendemos que o professor, na sua prática diária na sala de aula, deve criar atividades, buscando nos livros, as mais diferentes leituras da realidade e da experiência para assim, fazer um intercâmbio com a vivência dos alunos, procurando refletir o perto e não o que está distante dos alunos; refletir conjuntamente novos caminhos para proporcionar o crescimento e o amadurecimento dos nossos jovens, adolescentes...

Assim, devemos partir da realidade individual dos alunos, para construir e facilitar a percepção dos indivíduos, partindo para a apreensão da totalidade mais ampla, que deverá abrir e despertar criticamente os alunos carentes para o mundo do conhecimento.

"... Para progredir, será preciso que o aluno enriqueça de forma considerável as observações que já possui... que as organize e consiga relacioná-las num conjunto válido..."²³

A escola, os professores e todo o conjunto escolar, deve viabilizar a preparação do aluno para sua defesa no dia-a-dia, e, enfrentar este mundo, que a todo momento se transforma e exige, cada vez mais dos indivíduos que fazem parte dele.

O professor deve ser aquele que irá proporcionar a "técnica" da interpretação e da compreensão dos conteúdos, aos alunos. Pois a reflexão desperta o lado do questionamento e da leitura das palavras que, por sua vez, é direcionada e visa a implementação no âmbito social de suas idéias.

Enfatiza Snuders (1979)

"... O professor é aquele que guia; que tem "autoridade" para guiar... não se pode apenas revelar, descobrir os significados pretendidos, assimilados e indicados nos textos e permanecer nesse nível. É preciso reagir e livrar os alunos da problematização,

²³ SNYDERS, G. op. Cit.

o questionamento e apreciarem com criticidade..."

Com relação aos recursos didáticos utilizados em sala de aula, o objetivo foi de provocar e estimular a curiosidade dos alunos, para que os mesmos, pudessem participar e explorar o conteúdo conjuntamente com nós, estagiários. A proposta de fojar objetivos dinamizaram o crescimento crítico entre eles.

Uma estratégia utilizada por nós, para ampliar os horizontes do conhecimento, na aula tradicional, foi a aula-dialogada, que possibilitou e incentivou, a todo momento, a participação do aluno em todo o percurso da aula, tornando a aula mais movimentada e conseqüentemente mais dinâmica.

Ao término das aulas supervisionadas, elaboramos uma avaliação que possibilitou o alcance dos nossos objetivos, determinados nos nossos planos de aula. Permitindo uma abertura que provocasse a reflexão dos alunos sobre os conteúdos aplicados, nas aulas supervisionadas, e esta avaliação teve o princípio de compreender se o nosso trabalho foi positivo, mediante redações impostas.

*"...Pois a avaliação é um reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos"...*²⁴

(LIBÂNEO, 1991:195)

A nossa proposta era encaminhar e atender sistematicamente, o crescimento dos alunos, preparando-os para enfrentar as exigências impostas pela sociedade e proporcionar meios de cultura mais ativa, que possa vir a ajudá-lo nas mais diferentes esferas da vida.

A nossa proposta de avaliação foi direcionada para a construção de uma redação, onde os alunos pudessem expressar as suas descobertas distinguidas nos conteúdos aplicados durante a prática de ensino. Proporcionando a expressão das dimensões possíveis de criação e romper com a idéia de uma avaliação

²⁴ LIBÂNEO, José Carlos. Op. Cit. p. 195

tradicional que é refletida diante de uma prova. E, desatando o ato da criação de uma nova ação através da imaginação e da argumentação sobre o que foi pedido, mesmo que ocorresse a falta de clareza de idéias e da dificuldade na construção da redação. Mas, diante deste reflexo, buscamos a análise e levamos em conta o esforço e a vontade dos alunos arquitetar suas redações.

Concluimos que a vontade e a interação das turmas com a nossa tarefa, foi alcançada, e assim, sentimos que a avaliação deve ser apreciada com uma organização pautada da ação, que possibilite ao aluno expressar o seu conhecimento. Daí, chegamos a perceber que o processo de avaliação através da prova, não mede os conhecimentos dos alunos, mas sim, demonstra apenas a construção do saber expressado pelo professor, e não a arquitetura do saber cotidiano do aluno.

"... As verificações por meio de provas escritas, dissertativas, de questões objetivas ou práticas são de caráter mais formal. Os procedimentos que visam o acompanhamento dos alunos nas várias situações diárias... embora de grande valor na compreensão e apreensão da real aprendizagem do aluno..."²⁵

(LIBÂNEO, 1991:205)

Portanto, as dificuldades encontradas no percurso da prática, foram sendo superadas através da nossa união e integração com a nossa coordenadora, que nos deu as premissas que facilitaram a nossa caminhada e possibilitou o nosso amadurecimento e superação das dificuldades encontradas. Obrigada por tudo: ERONIDES CÂMARA DONATO.

Para finalizar, destacamos que a Escola Estadual de 1ª e 2ª graus Severino Cabral, deve redefinir as suas metas e objetivos, voltados principalmente aos interesses da classe trabalhadora, procurando repensar, também, no livro didático, nos conteúdos e nos métodos que englobam o processo educativo, pois só a partir desta reflexão e de um novo processo dinâmico e

²⁵ LIBÂNEO, José Carlos. Op. Cit. p. 205

construtivo é que a escola pública elevará sua imagem diante à sociedade, hoje tão desgastada e sem brilho. Espero que isto seja solucionado, para que os trabalhadores e estudantes tenham, pelo menos, uma educação mais válida e mais construtiva.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CADERNOS DE HISTÓRIA. Universidade Federal de Uberlândia. Departamento de Ciências Sociais. Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História. Vol. 1, nº 1. Uberlândia, 1990.
- CANDAU, Vera Maria. *Rumo a uma nova Didática*. 3. Ed., Petrópolis: Vozes, 1990.
- FARIAS, Etelvina Maria Valente dos Anjos. Et all. *Metodologia do Ensino Superior. Módulo 4*. Brasília: 1996
- GAP - Grupo de Ação Pedagógica. *A História dos Conceitos: caminho para o Ensino da Matemática*. São Paulo: GAP, set/1987.
- GUSDORF, George. *Professor para quê? Para uma Pedagogia da Pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- KENSKI, V. M. *Avaliação da Aprendizagem*. In: VEIGA, I.P.A. (org.) *Repensando a Didática*. 6. Ed., Campinas: Papirus, 1991.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1991.
- LIMA, Joselma do Nascimento. *Uma História para ser Vivida*. Campina Grande: UFPB - Campus II, julho de 1997 (mimeo).
- LUCKESI, C.C. *Avaliação Educacional Escolar: para além do autoritarismo*. Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, 1984.
- MARTINS, José do Prado. *Didática Geral: fundamentos, planejamento, metodologia, avaliação*. 2. Ed., São Paulo: Atlas, 1990.
- O CORDEL, *Testemunha da História do Brasil*. Antologia/Nova série, Fundação Casa Rui Barbosa. Editora Ébano, 1987.

RONALDO, Daus. *O Ciclo Épico na Poesia Popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1982.

SANT'ANA. Ilza Martins; MENEGOLA, Masilimiano. *Didática: Aprender a Ensinar*. São Paulo: Loyola, 1991

SAVIANI, D. *A Filosofia da Educação e Problemas da Inovação, Invocação Educacional no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1980.

SILVA, Lígia Maria Pereira da. *Caminho para o Processo Ensino-Aprendizagem*. Campina Grande: UFPB - Campus II, julho de 1997 (mimeo)

SNYDERS. G. *Pedagogia Progressiva*. Coimbra, 1974.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. *Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projetos educativos*. Vol. 1. São Paulo: Libertad, 1995.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Repensando a Didática*. Campinas: Papirus, 1991.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS SEVERINO CABRAL

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO:

ERONIDES CÂMARA DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA MESSIAS BORGES

(UFPB - CAMPUS II)

SÉRIE: 8ª

TURMA:

TURNO: NOITE

Plano de Aula

Campina Grande

1997

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS SEVERINO CABRAL
AULA SUPERVISIONADA: HISTÓRIA MODERNA E ATUALIDADE
COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO
ORIENTADORA DA PRÁTICA: ERONIDES C. DONATO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA M. BORGES
CAMPINA GRADE: ___/___/1997
SÉRIE: 8ª SÉRIE TURNO: NOITE TURMA: A
CARGA HORÁRIA: 2 HORAS/AULAS

PLANO DE AULA Nº 01

TEMA: A SEGUNDA GUERRA

TÍTULO: O GRANDE DITADOR ESPALHA A MORTE POR TODA A EUROPA

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Destacar as estratégias e a disciplinarização que as grandes potências utilizaram entre si, e que possibilitou o desencadeamento da 2ª Guerra Mundial.
- Discutir a relação de poder, difundido pela Alemanha, para instrumentalização de seu controle sobre as demais potências europeias.
- Discutir o choque de interesses entre as potências mundiais, no campo político, social, econômico que possibilitou o estopim da 2ª Guerra Mundial.
- Destacar os princípios que centralizam o projeto universal dentro do enfoque da 2ª Guerra Mundial.
- Discutir as consequências da 2ª Guerra em todo o mundo.

CONTEÚDO

- 1- Os jogos do poder
- 2- A Alemanha, o centro do poder
- 3- Potências em choque
- 4- A Grande Contradição = Liberdade, Fraternidade, Igualdade

5- O Reflexo da Morte e da Animalização do Homem

METODOLOGIA

Aula expositivo-dialogada utilizando textos mimeografados, mapas e gravuras.

AVALIAÇÃO

Avaliação contínua através de formulação de uma simples redação, a partir do que foi assimilado na aula expositiva.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS SEVERINO CABRAL
AULA SUPERVISIONADA: HISTÓRIA MODERNA E ATUALIDADE
COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO
ORIENTADORA DA PRÁTICA: ERONIDES C. DONATO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA M. BORGES
CAMPINA GRADE: __/__/1997
SÉRIE: 8ª SÉRIE TURNO: NOITE TURMA: A
CARGA HORÁRIA: 2 HORAS/AULAS

PLANO DE AULA Nº 02

TEMA: O MUNDO PÓS-GUERRA

TÍTULO: A VIDA TOMA NOVOS RUMOS

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir a bipolarização que foi desencadeada no mundo pós-2ª Guerra Mundial.
- Discutir o que possibilitou a descolonização da Ásia e África.
- Estudar as estratégias dos asiáticos e africanos, para livrar-se da exploração das ex-potências européias.
- Estudar as resistências e os princípios da paz, difundidos por Gandhi.
- Estudar as novas estratégias de controle utilizadas pelo imperialismo em sua nova base de controle: a tecnologia.

CONTEÚDO

- Capitalismo x Socialismo: a bipolarização
- Descolonização da Ásia e África
- O fim do imperialismo colonial
- Os princípios de paz: Gandhi
- O novo controle: a tecnologia

METODOLOGIA

Aula expositivo-dialogada, quadro e giz e discussão centrada no assunto.

AVALIAÇÃO

Produção de uma redação sobre o assunto dado.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS SEVERINO CABRAL
AULA SUPERVISIONADA: HISTÓRIA MODERNA E ATUALIDADE
COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO
ORIENTADORA DA PRÁTICA: ERONIDES C. DONATO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA M. BORGES
CAMPINA GRADE: __/__/1997
SÉRIE: 8ª SÉRIE TURNO: NOITE TURMA: A
CARGA HORÁRIA: 2 HORAS/AULAS

PLANO DE AULA Nº 03

TEMA: O MUNDO DIVIDIDO

**TÍTULO: O JOGO ENTRE OS BLOCOS:
CAPITALISMO X SOCIALISMO**

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir as estratégias utilizadas pelos socialistas na implantação do regime comunista em novos países. Através de uma economia planificada e pautada no benefício da sociedade.
- Destacar os princípios e as metas traçadas pela revolução chinesa e cubana.
- Questionar os motivos e os princípios que desencadearam a Guerra do Vietnã.
- Estudar as diferenças entre o socialismo e o capitalismo, tentando apontar os princípios e os fundamentos de cada um.

CONTEÚDO

- O Socialismo: a luta pela expansão.
- As grandes revoluções, pós-guerra
- A guerra da dominação
- A teoria e a prática: socialismo x capitalismo

METODOLOGIA

Aula expositivo-dialogada, quadro e giz, mapa e discussão direta entre professor e aluno.

AVALIAÇÃO

Avaliação contínua, sempre buscando a participação do aluno.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS SEVERINO CABRAL

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO:

ERONIDES CÂMARA DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA MESSIAS BORGES

(UFPB - CAMPUS II)

SÉRIE: 2º Científico

TURMA:

TURNO: NOITE

Plano de Aula

Campina Grande

1997

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS SEVERINO CABRAL
AULA SUPERVISIONADA: HISTÓRIA DO BRASIL
COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO
ORIENTADORA DA PRÁTICA: ERONIDES C. DONATO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA M. BORGES
CAMPINA GRADE: 10/11/1997
SÉRIE: 2º ANO TURNO: NOITE TURMA: ÚNICA
CARGA HORÁRIA: 2 HORAS/AULAS

PLANO DE AULA Nº 01

TEMA: A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA
TÍTULO: ORDEM E PROGRESSO

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Destacar as estratégias e os choques de interesses entre as diferentes facções interessados na proclamação da República.
- Discutir a fundamentação de um dos grupos interessados na proclamação da República a partir das leituras da participação popular dos gregos.
- Questionar a relação de poder entre as camadas sociais interessadas na implantação da República.
- Debater as manobras iniciais de unificação da nação, através da instituição de uma federação e os símbolos que representam a nação.

CONTEÚDO:

- 1 - O choque de interesses
- 2 - Cidadania: jogo do poder
- 3 - A hierarquização do poder
- 4 - O início da nação: a federação.

METODOLOGIA

Aula expositiva-dialogada, através de gravuras, mapas, etc.

AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua, sempre resgatando através de perguntas o que foi assimilado na aula expositiva.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS SEVERINO CABRAL
AULA SUPERVISIONADA: HISTÓRIA DO BRASIL
COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO
ORIENTADORA DA PRÁTICA: ERONIDES C. DONATO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA M. BORGES
CAMPINA GRADE: __/__/1997
SÉRIE: 2º ANO TURNO: NOITE TURMA: ÚNICA
CARGA HORÁRIA: 3 HORAS/AULAS

PLANO DE AULA Nº 02

TEMA: A POLÍTICA CAFÉ COM LEITE

TÍTULO: O JOGO DAS OLIGARQUIAS

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir as estratégias de poder, instituídas entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais.
- Analisar o fortalecimento das oligarquias estaduais, através da política dos governadores.
- Destacar a crescente importância do café, e o surto da industrialização no Brasil.
- Debater a dominação dos USA sobre a economia e o mercado brasileiro.

CONTEÚDO

- O jogo dos mais fortes
- Política dos governantes
- A República dos grandes fazendeiros de café.
- A dominação dos EUA sobre o Brasil.

METODOLOGIA

Aula expositiva-dialogada, despertando a participação do aluno quando necessário.

AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua, sempre resgatando através de perguntas, do que foi assimilado na aula expositiva.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS SEVERINO CABRAL
AULA SUPERVISIONADA: HISTÓRIA DO BRASIL
COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO
ORIENTADORA DA PRÁTICA: ERONIDES C. DONATO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA M. BORGES
CAMPINA GRADE: ___/___/1997
SÉRIE: 2º ANO TURNO: NOITE TURMA: ÚNICA
CARGA HORÁRIA: 2 HORAS/AULAS

PLANO DE AULA Nº 03

TEMA: O CORONELISMO

TÍTULO: O SENHOR TODO PODEROSO

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir as estratégias de poder, que os coronéis, no Nordeste desfrutavam.
- Debater a submissão dos agregados e da população aos coronéis.
- Destacar a base que fundamenta o coronelismo.
- Questionar quais as oligarquias que dominaram o Brasil, e qual a função dos mesmos na sociedade brasileira.

CONTEÚDO

- O poder controla o mais fraco
- A força e o poder mandam
- Submissão e controle
- O senhor que manda, eu obedeço.

METODOLOGIA

Aula expositivo-dialogada, e a utilização de cordéis, que tendem a dar uma visão do homem simples e a construção da imagem do grande poder, o coronel.

AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua, através de perguntas, tendo como objetivo o resgate do assunto dado em sala.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS SEVERINO CABRAL
AULA SUPERVISIONADA: HISTÓRIA DO BRASIL
COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO
ORIENTADORA DA PRÁTICA: ERONIDES C. DONATO
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA M. BORGES
CAMPINA GRADE: __/__/1997
SÉRIE: 2º ANO TURNO: NOITE TURMA: ÚNICA
CARGA HORÁRIA: 1 HORAS/AULAS

PLANO DE AULA Nº 04

TEMA: CANUDOS

TÍTULO: A LUTA PELA VIDA, TERRA, DEUS

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir o projeto de Antônio Conselheiro e os princípios que fundamentaram Canudos.
- Apresentar uma das imagens do Nordeste o qual possibilitou o surgimento das crenças dos homens simples, como é o caso de Antônio Conselheiro.
- Questionar os princípios que fundamentavam a união dos homens simples em torno das idéias de Antônio Conselheiro.

CONTEÚDO

- O projeto de paz, união e igualdade
- A seca e os conflitos
- A fome, o medo e a terra.
- O senhor que manda, eu obedeço.

METODOLOGIA

Aula expositivo-dialogada e a representação através de imagens e fotos da destruição que foi a luta em Canudos.

AVALIAÇÃO

A avaliação vai ser através de uma redação pautada na pergunta expressa abaixo.

1 - Descreva o que foi Canudos, quais as reivindicações de Antônio Conselheiro e o que fundamenta a luta dos Beatos.

BIBLIOGRAFIA

KOSHIBA, Luiz, Denise Manzi Frauze Pereira. *História do Brasil*. 5 ed., São Paulo: Atual, 1987

PILETTE, Nelson. *História do Brasil - da pré-História do Brasil aos Dias Atuais*. 11 ed., São Paulo: Ática, 1990.

SAGA: A Grande História do Brasil. V. 5. São Paulo: Abril Cultural, 1981

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS SEVERINO CABRAL

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO:

ERONIDES CÂMARA DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA MESSIAS BORGES

(UFPB - CAMPUS II)

SÉRIE: 2º Científico

TURMA:

TURNO: NOITE

Plano de Unidade

Campina Grande

1997

PLANO DE UNIDADE

OBJETIVO GERAL:

- Debater o processo cultural e as relações das estratégias e das disciplinarizações que foram desprendidas a partir do controle das grandes potências, que utilizaram de manobras e poder para dividirem o mundo entre si e manipulá-lo.

IV UNIDADE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1 - Analisar as estratégias de controle, através do poder bélico, que possibilitaram a explosão da 1ª Grande Guerra.
- 2 - Discutir o impacto que a primeira guerra desencadeou em todo o mundo.

CONTEÚDO

A EUROPA: o palco da morte: 1ª Guerra Mundial.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 3 - Analisar os princípios que fundamentaram e representaram a Revolução Russa, para o projeto universal.
- 4 - Discutir a formação do bloco socialista e o impacto que o mesmo lançou sobre o mundo.

CONTEÚDO

- Revolução Russa de 1917
- O surgimento do Bloco Socialista

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

5 - Discutir a 2ª Guerra Mundial, como um resultado das contradições que vão de encontro ao projeto universal.

CONTEÚDO

- Segunda Guerra Mundial: a morte forjando o progresso, a vida, etc.

OBJETIVO ESPECÍFICO

6 - Debater o mundo pós-guerra, dando ênfase aos reflexos que a mesma impõe até hoje, em nossos dias.

CONTEÚDO

- A descolonização da África e Ásia
- A luta dos grandes líderes pela liberdade
- Mundo pós-guerra

METODOLOGIA

A nossa proposta teórico-metodológica utilizará para enfatizar os conteúdos mapas, gravuras, etc, com o intuito de possibilitar com mais facilidade a assimilação dos conteúdos pelos alunos.

AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua, através da produção de textos, levando conta a participação dos alunos na sala de aula.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS SEVERINO CABRAL

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO:

ERONIDES CÂMARA DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA MESSIAS BORGES

(UFPB - CAMPUS II)

SÉRIE: 8ª

TURMA:

TURNO: NOITE

Plano de Unidade

Campina Grande

1997

PLANO DE UNIDADE

IV UNIDADE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir os vários projetos existentes, porém, percebendo as estratégias utilizadas pelos republicanos na proclamação da República.
- Destacar os principais motivos dos militares, no ato da Proclamação da República.
- Estudar os principais grupos envolvidos no projeto da Proclamação da República.

CONTEÚDO

- 1 - O Grande Golpe
- 2 - O Desejo de Cidadania
- 3 - As Oligarquias.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir as lutas entre as oligarquias, pela garantia do poder centralizado nos centros mais ricos do país, estabelecendo entre os grupos oligárquicos o controle político nacional, como é o caso de São Paulo e Minas Gerais.

CONTEÚDO

A Luta pelo Poder

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir o processo centralizador do poder dos coronéis no Nordeste, apesar da proclamação da República, destacando suas manobras de controle e poder.

CONTEÚDO

1 - Os coronéis.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Questionar o surgimento dos movimentos de reivindicações pelos direitos da terra, da cultura, etc, ligados ao misticismo, etc.

METODOLOGIA

A proposta teórico-metodológica será centrada na utilização de mapas, gravuras, dentre outras, com o intuito de possibilitar o envolvimento e assimilação do aluno, facilitando nos conteúdos expostos.

AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua, através da produção de uma redação e, também, levando sempre em conta a participação dos alunos na sala de aula.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS SEVERINO CABRAL

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO:

ERONIDES CÂMARA DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA MESSIAS BORGES

(UFPB - CAMPUS II)

SÉRIE: 8ª

TURMA: A

TURNOS: NOITE

Plano de Curso

Campina Grande

1997

PLANO DE CURSO

OBJETIVO GERAL

Discutir o projeto universal do homem moderno, ou seja, o progresso da humanidade, que se desenvolveu a partir do século XV, ao desencadear mudanças significativas na mentalidade, que possibilitou novas estratégias de organização do trabalho, no campo político e social, impondo resistências e novas alternativas ao projeto.

I UNIDADE

Objetivos Específicos

1 - Discutir o Renascimento, como projeto de desenvolvimento cultural, através de estratégias que possibilitaram o "renascer da Europa", ou seja, o momento das "luzes" que vieram romper o "atraso", as "trevas". Despertando para um novo tempo, para novas concepções de vida, filosofia e do trabalho, que foram necessárias para ocorrer o progresso da humanidade.

2 - Estudar os elementos que possibilitaram o rompimento com o antigo, como foi o exemplo do descobrimento do novo mundo e as formas de domínio ou controle no campo político, social, e principalmente, no econômico, que foi o impulsionador para o surgimento de novas formas de trabalho, como também, os novos valores implementados pela religião e as novas formas de estratégias de disciplinarização da modernidade.

CONTEÚDO I

- 1 - O Renascimento: "A Luz do Progresso".
- 2 - "O Novo Mundo": e o Despertar Religioso.

II UNIDADE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Analisar o modelo do Absolutismo, implementado por Portugal, Espanha e Inglaterra, a partir das estratégias e do controle sobre o novo continente diante das novas descobertas;
- Estudar o progresso que desencadeou o "Século das Luzes", e as suas transformações na sociedade;
- Examinar a importância política e social da Revolução Francesa e Americana para o mundo, destacando suas características e abrindo, assim, o leque de possibilidades que foi forjado diante destas revoluções.

CONTEÚDO II

- 3 - Absolutismo: "Os Senhores do Mundo".
- 4 - O Século "das Luzes": "O Despertar"...
- 5 - Revolução Francesa e Americana: O Germe da... Liberdade
Fraternidade
Igualdade
Para o mundo...

III UNIDADE

Objetivos Específicos:

- Salientar a importância e as manobras de disciplinarização executada e difundida pelo mundo durante e após a revolução industrial e as revoluções de 1848.
- Discutir o processo de construção e unificação das nações, como por exemplo: A Itália e Alemanha.
- Debater as novas relações de poder e de estratégias que foram implementadas pelo imperialismo moderno.

CONTEÚDO III

- 6 - Revolução Industrial: ... Rumo às mudanças técnicas e de mentalidade.
- 7 - Unificação da Itália e Alemanha: A formação das Nações.
- 8 - O Novo "Imperialismo": as estratégias das nações em dividir o mundo entre si.

IV UNIDADE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir as manobras de controle, através do poder bélico, que possibilitaram a explosão da 1ª Guerra Mundial.
- Estudar os princípios que fundamentavam e representavam a Revolução Russa, apresentando-a como uma alternativa ao projeto universal.
- Apresentar a 2ª Guerra Mundial, como resultado das contradições do projeto universal.
- Debater o mundo Pós-Guerra e os reflexos que a guerra impõe até os dias atuais.

CONTEÚDO IV

- 9 - A EUROPA, o palco da Morte: 1ª Guerra Mundial
- 10 - Revolução Russa, 1917: Nasce o Socialismo.
- 11 - 2ª Guerra Mundial: a morte forjando o progresso
- 12 - O Mundo pós-guerra: o reflexo do controle e dominação das grandes potências mundiais.

METODOLOGIA

A nossa proposta teórico-metodológica tem o propósito de trabalhar com uma visão histórica inovadora, associada a um eixo teórico de perspectiva cultural, com o intuito de expor os

conteúdos e enfatizando-os, principalmente diante dos conceitos de estratégias e de disciplinarização.

Porém, as manobras metodológicas utilizadas para enfatizar os conteúdos são: os mapas, as gravuras, as imagens, as pinturas, através de aulas expositivas e dialogadas. Sempre levando em consideração a realidade em que os alunos estão inseridos.

AVALIAÇÃO

A avaliação é contínua, através da produção de textos participação dos alunos na sala de aula.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS SEVERINO CABRAL

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA
DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA MESSIAS BORGES

(UFPB - CAMPUS II)

SÉRIE: 2º CIENTÍFICO

TURMA: ÚNICA

TURNOS: NOITE

Plano de Curso

Campina Grande

1997

PLANO DE CURSO

OBJETIVO GERAL

Discutir a evolução do homem, nos distintos períodos da história, desde a pré-história ao período contemporâneo, compreendendo as possibilidades de intercâmbio com a história do Brasil. Fazendo uma leitura das idéias e dos projetos europeus, no campo político, social e econômico, que influenciaram a organização e o progresso da nação brasileira, pontuando o surgimento de novas alternativas para o desenvolvimento desse projeto.

I UNIDADE

- 1 - Discutir a evolução do homem pré-histórico e o desencadeamento do desenvolvimento cultural e o crescimento da estrutura social;
- 2 - Analisar a importância das grandes civilizações e as contribuições no campo político, econômico, religioso e científico, que são imprescindíveis na formação das outras sociedades;
- 3 - Discutir os princípios de Democracia existentes na Grécia, pautadas em fundamentos que restringe e forja a própria estruturação da idéia de cidadania, como algo imprescindível para a hierarquização da sociedade.
- 4 - Destacar a organização social e política que fundamentou a noção de cidadania entre os Romanos, enfatizando seus princípios e as instituições organizacionais da estrutura social Romana.
- 5 - Discutir os princípios religiosos do império romano, no oriente, destacando as diferenças mais significativas entre o mundo romano do oriente e do ocidente.
- 6 - Discutir a reestruturação da Europa ocidental, a partir da unificação das tribos francos, que possibilitaram a expulsão dos árabes e conseqüentemente o fortalecimento da Europa.

CONTEÚDO I

- 1 - A Pré- história: os primeiros passos da Humanidade.
- 2 - As Grandes Civilizações: EGITO;
MESOPOTÂMIA;
FENÍCIA;
PÉRSIA.
- 3 - Os Cidadãos Gregos;
- 4 - O poder social e político do mundo Romano;
- 5 - O Poder religioso de Bizâncio;
- 6 - A reestruturação da Europa: os Francos.

II UNIDADE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 7 - Discutir a disjunção do pensamento religiosos na Idade Média, destacando a dominação e a influência da Igreja na sociedade medieval. Compreender a dominação na vida política, econômica e cultural do homem medieval.
- 8 - Discutir as estratégias de dominação e de poder, que legitimaram o controle da Igreja, desde o poder temporal e espiritual, através de uma estrutura que impõe a hierarquia entre as ordens religiosas;
- 9 - Analisar o Renascimento Cultural e as mudanças na elaboração do saber da Idade Moderna. Compreender o homem na busca do conhecimento, trocar novos caminhos, construindo e destruindo costumes para estabelecer o mundo que hoje conhecemos.

CONTEÚDO II

- 7 - O pecado acima de tudo;
- 8 - O Braço que castiga;
- 9 - O descobrir, a inovação da: Cultura;
Religião;
Expansão;
As Monarquias Nacionais;
A Revolução Inglesa =
O Iluminismo

III UNIDADE

- Destacar as estratégias e a disciplinarização implementadas e defendidas pelo mundo, durante e após a Revolução Industrial.
- Discutir a importância e o intercâmbio da Revolução Francesa, para o mundo e, principalmente, as estratégias e a utilização destas idéias no Brasil.
- Discutir o processo de construção das nações, destacando os reflexos direcionados à própria idéia de nação no Brasil.
- Discutir as relações de poder e as estratégias que foram implementadas pelo imperialismo moderno.
- Descrever o processo que fundamentou a explosão da 1ª e 2ª guerras mundiais, e destacar os reflexos que as duas impuseram até os dias atuais.

CONTEÚDO III

- 1 - Revolução Industrial ... O Reflexo;
- 2 - Revolução Francesa... A fermentação das novas possibilidades;
- 3 - As estratégias e o fortalecimento das nações;
- 4 - O novo Imperialismo;
- 5 - A Europa, o palco da morte: 1ª e 2ª grandes guerras mundiais;

IV UNIDADE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS - 1

- Discutir o projeto e as estratégias utilizadas pelos republicanos na Proclamação da República;
- Destacar os principais motivos dos militares no ato da Proclamação da República;
- Estudar os principais grupos envolvidos no projeto da Proclamação da República.

CONTEÚDO

- 1 - O Grande Golpe;
- 2 - O Desejo de Cidadania
- 3 - As Oligarquias.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS - 2

- Discutir a luta dos militares na busca de garantir os direitos de cidadania, bem como os direitos políticos, sociais e econômicos que a monarquia não assegurava aos mesmos.

CONTEÚDO

- 1 - A insatisfação: luta para garantir os direitos de cidadania.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir as lutas entre as oligarquias pela garantia do poder centralizado nos centros mais ricos do país, estabelecendo, entre os grupos oligárquicos, controle da política nacional, como é o caso de São Paulo e Minas Gerais.

CONTEÚDO

- 1 - a luta pelo poder

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir o processo centralizador do poder dos coronéis, no Nordeste, apesar da Proclamação da República, destacando suas estratégias de controle e poder.

CONTEÚDO

- 1 - Os coronéis.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir o surgimento dos movimentos de reivindicação pelos direitos da terra, da cultura, etc., ligados ao misticismo, etc.

CONTEÚDO

- 1 - Canudos

METODOLOGIA

A proposta teórico-metodológica, utilizou mapas, gravuras, etc, com o intuito de possibilitar o envolvimento do aluno e facilitar a assimilação dos conteúdos por parte dos alunos.

AVALIAÇÃO

A avaliação será contínua, através da produção de uma redação e, levando sempre em conta a participação dos alunos na sala de aula.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAU SEVERINO CABRAL.

CAMPINA GRANDE, _____.

DISCIPLINA: HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA.

ORIENTADORA: ERONIDES C. DONATO.

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO.

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: SUÊNIA MESSIAS BORGES.

ALUNO: _____.

SÉRIE: _____ . TURMA: _____ . TURNO: _____.

A SEGUNDA GUERRA

A Segunda Guerra Mundial foi desencadeada a partir da insatisfação, do descontentamento e desmoralização do povo Alemão, que foi imposta pelo Tratado de Versalhes*, no final da 1ª Guerra Mundial, imposta pela França e Inglaterra em 1919.

Devido a insatisfação dos alemães, Hitler, através do nazismo canalizou o descontentamento para seu plano macabro. Plano considerado fantástico, que teria o objetivo de livrar a Alemanha da humilhação, imposta pelo Tratado de Versalhes devido a derrota na 1ª Guerra Mundial. Esta guinada foi uma estratégia, para a aquisição de poder por parte de Hitler, e para a efetivação de seus objetivos, de expansão territorial e interligação das comunidades Alemãs dispersas por toda a EUROPA. Como é o caso da Austria, Sudetos, regiões da Tchecoslováquia, Dantziq, etc, regiões consideradas pelos alemães como regiões vitais. Principalmente a Ucrânia e a União Soviética, por serem consideradas férteis e produtiva de trigo, petróleo, etc., elementos necessários para a formação de um futuro império nazista.

1938 ---> Expansão:

A expansão tinha o objetivo de canalizar o nazismo para a construção de uma nação poderosa, e romper com o Tratado de Versalhes.

A Tchecoslováquia, Dantziq, Polônia, Ucrânia estavam inseridos nos planos políticos de Hitler, para a formação de uma grande nação no campo econômico, político e social, através a exploração das matérias primas fornecidos nesses países.

O Plano de Expansão (muito bem arquitetado), começou em 1938, com a conquista da Austria e as regiões montanhosa de Tchecoslováquia.

Na conferência em Monique, a França e a Inglaterra cede as regiões controladas e conquistadas pela Alemanha para garantir a paz na Europa.

1939 ---> Término da Ocupação:

O término da ocupação da Tchecoslováquia e a retomada do território de Dantziq que dava saída a Polônia ao mar, cedida através do Tratado de Versalhes.

Em agosto de 39, A União Soviética + Alemanha assinam o pacto de Não-Agressão, dando direito a Alemanha controlar a Polônia sem que a URSS interferir-se.

Este pacto rompeu com o projeto universal entre as nações

que era o da Fraternidade, Igualdade e Liberdade, pois agora as grandes potências se impõem a qualquer impossição ou controle para dominar as demais nações.

A Inglaterra, que era aliada a Polônia, declara guerra a Alemanha, contando com a ajuda da França.

Hitler contra-ataca com a guerra-relâmpago, através de uma guerra fuminante contra a Inglaterra e a França; ocupando rapidamente a Bélgica, Noruega e Dinamarca e Parte da França.

1940 ---> A União do Eixo:

A união da Itália + Alemanha + Japão reforçou o poder de Hitler, possibilitando a invasão da França, porém, a França contou com a ajuda do exército inglês que veio ajudá-la, mas é derrotado, tendo grandes perdas materiais e humanas.

Em agosto de mesmo ano, a Alemanha ataca a Inglaterra, porém a Inglaterra, através de uma aviação moderna, e o auxílio do radar, vence o exército indistutível. Assim, Hitler, Abandona o plano de invadir o Inglaterra, e volta-se ao plano maior, de controlar a URSS.

1941 ---> O ALTO Grau de Violência:

Foi contra os russos que os nazistas utilizaram um alto grau de brutalidade, pois em sua fala, Hitler, deixou claro que todas as regiões conquistadas deveriam ser destruídas e sua população morta, para não haver a necessidade de alimentá-los. Esta investida veio romper com o Tratado de Não-Agressão.

1942 ---> A Guerra Torna-se Mundial:

A guerra torna-se mundial com a entrada dos Estados Unidos, que lutando contra a nova potência asiática - O Japão, com a necessidade de conter o crescimento do Japão e contra o poder nazista. E, para isto, fez uso da bomba atômica.

O fracasso da guerra iniciou-se em 42, com a retirada do exército alemão da cidade de Stalingrado, na Rússia. Porém, em 43 os aliados toman o norte da África começando assim, a invasão total da Itália,

Em 1945, a força Alemã é derrotada e retirada da Itália. Já o ditador Italiano, o Mussoline, é distituído do seu cargo e fugilado.

Em maio de 45, a Alemanha é cercada e chega a redençam total dos alemões.

* Tratado de Versalhes: Tratado que forçou a Alemanha a pagar todos os prejuízo da 1ª Guerra Mundial.

Encontro do Coronel Guabiraba com Tempeiro de Valentão

Histórias de valentia
pra onde me viro vejo
ó tantas que os feitores
já não acham mais graçaço
mas ainda escrevo uma
para matar meu desejo

Dá na Serra do telxela
a fazenda guabiraba
era de um homem valente
igual um índio na Tabá,
valentão na sua frente
cala que só mangaba

O dono dessa fazenda,
um coronel de patente
usava um punhal lombado
pra tirar sangue de gente
só amava duas coisas
dinheiro e homem valente

Usava dias fortados
era dunga na ribeira
dentro de campina grande
acabava com a feira
e só brigava de armas
de cabeçada e rasteira

Ele horror e a armas
nao usava um canivete
nao respeitava peixeira
revolveres nem cacatote
brigava de cabeçada
tapa dentada e bofete

Na parziba do norte
correu logo uma notícia
que esse tal de tempeiro
brigava e tinha malícia
desafiava o exercito
a marinha e a policia

Naquele tempo ainda havia
o grupo de vi galino
a tropa de joão de banda
expanga de antonio silvino
contu e vinte mais feitores
de coraçõ assassino

Havia leldoro lopes
no sertão era um flugel
som cem homens no cangaço
sua bi era o cutelo
armados de cerabine
e rifle papo amarelo

Guabiraba tinha um filho
suj o nome catrapesso
baixo gorbo e entroncado
desses torado no grosso
foi não foi trasia um morto
pendurado no pescoço

Todo dia catrapesso
vinha de punhal na mão
dizendo papai agora
matel um no barração
o velho dizia a ele
so fez sua obrigação

Para arraucar unha de gente
pregava uma torquez
por qualquer daca a palha
matava um dois outrez
já tinha morto setenta
e nunca foi num chadrez

Desde quando sou pequeno
que ouço um vocabulario
proverbio tao conhecido
como os contes de um rosario
o diabo quando nao vem
manda sempre um secretario

No lugá de Escamárte
riduto do cangaço
apareceu um sujeito
denominado tempeiro
da familia d o jaganga
criminaloso e desordeiro

Autor Prop. APOLÔNIO ALVES DOS SANTOS

ANTONIO CONSELHEIRO E A — GUERRA DE CANUDOS —



sempre o aconselhava
mas suas falsas calúnias
ele não acreditava,

Mas ela vendo que o filho
não queria acreditar
em suas falsas calúnias
resolveu a levantar
um falso a sua nora
e que pudesse provar.

A velha disse: Meu filho
toda vez que você vai
viajar de madrugada
a sua esposa lhe trai
o macho dela já sabe
a hora que você sai.

Se quiser ter a certeza
escute o que vou falar
diga a sua mulher
que hoje vai viajar
e fique perto da casa
para se certificar.

Verá um homem chegar
aproveitando o escuro
e ficar atrás da casa
com o seu plano seguro
esperando que ela venha
abrir o portão do muro.

E assim Antônio fez
disse pra sua senhora:
Hoje eu vou viajar

Vamos ouvir a história
de Antônio Conselheiro
que apesar de beato
tamente a Deus verdadeiro
em defesa de Canudos
se tornou um guerrilheiro.

O seu nome verdadeiro
era Antônio Maciel
que se fez um penitente
dum sofrimento cruel
mas apesar de sofrido
era uma alma fiel.

Vamos saber como foi
que ele foi convertido
em beato peregrino
triste e arrependido
por dois monstruosos crimes
ter ele então cometido.

Porque ele se casou
com uma linda deidade
bonita como uma santa
do altar da divindade
a qual foi vítima inocente
duma cruel falsidade.

Porque a mãe de Antônio
com a nora não se dava
para o filho abandoná-la

Então a velha maldita
que estava prevenida
para confirmar a trama
com idêia pervertida
trajou-se em roupa de homem
e caminhou decidida.

De lá Antônio saiu
no horário acostumado
resolveu se ocultar
num recanto do cercado
nisto viu chegar um vulto
em um capote embrulhado.

Antônio que estava armado
com um revólver munido
mandou pipoca no vulto
ouviu-se grande estampido
a mulher abriu a porta
pra ver o que tinha sido.

Ele avistando a esposa
também foi mandando brasa
a mulher soltou um grito
igual a quem se arrasa
e mortalmente ferida
caiu pra dentro de casa.

E Antônio Maciel
bastante enfurecido
correu para examinar
aquele vulto caído
para ver se conhecia
quem ele havia abatido.

Quando ele descobriu

assassinei minha mãe
sendo ela a causadora.

Naquele momento ele
compreendeu a cilada
disse: Também atirei
na minha esposa estimada
se ela também morreu
não tive culpa de nada.

Correu para ver sua esposa
no momento extravagante
ela ainda estava viva
porém muito agonizante
e ele ainda contou-lhe
a história horripilante.

Ela disse: Meu esposo
eu vou morrer inocente
e tu também me matastes
sem prova e inconsciente
mas por ti peço perdão
ao nosso Onipotente.

Antônio depois que viu
a sua esposa querida
morrer apertando a mão
do seu esposo homicida
naquela hora perdeu
todos prazeres da vida.

É sem mais perda de tempo
foi entregar-se à prisão
então depois de cumprir
a sua condenação
saiu como peregrino
em espinhosa missão.

Dizia mesmo consigo:
Hei de viver como incrêtu

110

Finalmente Conselheiro
era dali mandatário
propondo ali no local
plano revolucionário
desfazendo da comarca
como rebelde contrário.

Porém todo povo em massa
gostava do Conselheiro
porque ele conquistava
aquele sertão inteiro
muito embora atribuído
como ente desordeiro.

Pois Antônio Conselheiro
apesar de pregador
falava contra a República
não queria dar valor
por isso os republicanos
lhe tinham ódio e rancor.

Na cidade Bom Conselho
no Estado da Bahia
o governador mandou
para o Juiz certo dia
uma ordem de expulsar
Antônio da freguesia.

Nesse tempo o Conselheiro
começou a construção
de uma Igreja em Canudos
sem ter autorização
com isto mais se agravou
a sua perseguição.

pois mediante o que fiz
ainda sou triste réu
paguei a pena da lei
e não a pena do céu.

É saindo mundo afora
com gesto de tresloucado
barbas e cabelos grandes
sujo e esmolambado
e conduzindo no ombro
grande cruzeiro pesado.

Naquele tempo Canudos
era um pequeno arraial.
Antônio chegou ali
permanecendo afinal
dedicou-se a conselheiro
teve o apoio em geral.

Havia no arraial
uma Igrejinha indigente
e ele como beato
pregador e penitente
tomou a pobre Igrejinha
por seu abrigo dolente.

Daí veio o apelido
de Antônio Conselheiro
logo espalhou-se a notícia
naquele sertão inteiro
todo mundo tinha fé
no beato milagreiro.

Logo nasceu um despeito
dum tal Padre Ibiapina
porque viu o conselheiro
também usando batina
e conquistando os fiéis
pregando a santa doutrina.

111

mandou pedir ao Juiz
daquela Jurisdição.

Então mandou um jagunço
seguir como encarregado
à cidade Bom Conselho
comandando um grupo armado
incumbido de levar
ao Juiz o [seu] recado.

Na cidade Bom Conselho
foi chegado o cangaceiro
ao Prefeito e Juiz
dera como mensageiro
o recado que mandava
o Antônio Conselheiro.

O Juiz lhe respondeu:
Pode voltar desde já
e diga ao Conselheiro
que ele conseguirá
o que está pretendendo
se ele mesmo vir cá.

Logo o Jagunço fitou
para o Juiz de Direito
disse: Eu dou o seu recado
porque não tenho outro jeito
mas sei que o Conselheiro
não vai ficar satisfeito.

Quando o Jagunço voltou
disse: Senhor Conselheiro

Disse que o senhor mesmo
fosse imediatamente
disse que pretende vê-lo
com ele de frente a frente
pois deseja conhecer
o senhor pessoalmente.

O Conselheiro pensou
e disse desta maneira:
Vamos todos reunir-nos
numa missão prazenteira
e vamos a Bom Conselho
buscar a dita madeira.

Na manhã do outro dia
reuniu um batalhão
de centenas de fanáticos
como peregrinação
e seguiram a Bom Conselho
em rigorosa missão.

Porém alguns iam armados
de rifles e carabina
embora por precaução
pelos reveses da sina
sem intenção de fazerem
nenhuma carnificina.

Acontece que de lá
o juiz organizou
um batalhão de soldados
e para o qual convocou
um tenente como chefe
e a Canudos mandou.

Deu-se entre duas serras
o encontro inesperado
e Antônio Conselheiro

Bem reunidos cavaram
trincheiras para defesa
e construíram de pedras
mais de uma fortaleza
prontos para rebaterem
os ataques de surpresa.

Ficaram bem preparados
arranjaram munição
todos se exercitaram
para na ocasião
pois até mesmo as mulheres
pegaram no mosquetão.

O segundo ataque foi
na grande serra Combaia
no pé tinha uma lagoa
que ficaram de atalaia
onde muitos se banhavam
como se fosse uma praia.

Essa dita se chamava
a Lagoa do Cipó
aonde ali se banhavam
os jagunços numa mó
nisso os policiais
mandaram bala sem dó.

Então a dita lagoa
ficara denominada
como Lagoa Vermelha
desde a cena passada
pois sua água ficou
como sangue avermelhada.

Dizem que ainda hoje
quem passar lá em Canudos

quando se viu atacado
mandou que abrisse fogo
foi o combate travado.

Então naquele combate
muita gente pereceu
do povo do Conselheiro
quase a metade morreu
e da polícia escapou
o tenente que correu.

O Conselheiro ficou
sem alegria e sem glória
e o tenente voltou
para contar a história
e lá as autoridades
planejaram uma vitória.

Foi em novembro do ano
dezoito e noventa e seis
do outro século passado
que pela primeira vez
Canudos foi atacado
no dia 7 do mês.

Num ataque comandado
por Damasceno Gouveia
marechal forte e valente
de sangue quente na veia
esse morreu no combate
dumia morte horrenda e feia.

Então ali os fanáticos
de Antônio Conselheiro
ficaram mais prevenidos
juntou-se mais dum guerreiro
com as armas que tomaram
daquele ataque primeiro.

O padre Cícero Romão
que vivia em Juazeiro
mandou fazer um pedido
a Antônio Conselheiro
para ele desistir
da idéia de guerreiro.

É fosse às autoridades
para que reinasse a paz
ele mandou a resposta
que não seria capaz
aquilo estava previsto
não ia voltar atrás.

Muito embora custasse
o sangue da humanidade
mas ele tinha uma dívida
a pagar na eternidade
só pagaria com sangue
por espontânea vontade.

Assim demais aumentou
a grande perseguição
contra Antônio Conselheiro
com ódio e repercussão
e ele sempre enfrentando
a grande revolução.

Deu-se o segundo combate
dia 12 de janeiro
do outro ano seguinte
que vou contar prazenteiro
dezoito e noventa e sete
ano infeliz agoreiro.

Coronel Moreira César
comandou o batalhão

Caminharam vários dias
por aqueles Cariris
ouvindo nas terras secas
os gritos dos bem-te-vis
sofrendo sede e cansaços
num sofrimento infeliz.

Certa noite se acamparam
sobre o alto da favela
serra feia e tenebrosa
de Canudos paralela
ali a tropa cansada
dormiu com muita cautela.

Então o Moreira César
na manhã do outro dia
com um binóculo de alcance
que consigo conduzia
do arraial de Canudos
todo movimento via.

Tomou todas precauções
com astúcia e esperteza
foram chegando pra perto
para atacar de surpresa
porém os ditos jagunços
estavam na fortaleza.

Durou quase duas horas
esse grande tiroteio
do batalhão de soldados
via-se um quadro feio
formou-se um lago de sangue
e todos mortos no meio.

Depois que cessou o fogo
já no final da questão
uma mulher traiçoeira
agarrou um mosquetão

fizeram uma circular
conforme foi planejado
com meia hora depois
deixarem tudo arrasado.

A Igreja que estava
em fase de construção
as paredes desabaram
com os tiros de canhão
as casas pegaram fogo
só se ouvia explosão.

Desta vez também morreu
o Antônio Conselheiro
que viveu com seus jagunços
implantando o desespero
findou-se aquele flagelo
do Nordeste Brasileiro.

A TV Globo mostrou
esta cena do passado
e eu em casa assisti
o fato dramatizado
e apresento também
no meu verso improvisado.

Atualmente se ver
onde foi o arraial
as águas de um açude
cobrindo aquele local
onde há anos se deu
aquela cena fatal.

Agora peço desculpas
A-os meus caros ouvintes
Levem este meu livreto

rez pontaria certeira
no chefe do batalhão.

Coronel Moreira César
que a tropa comandava
também morreu no combate
quando já se retirava
porém foi morto à traição
quando menos esperava.

Então o governador
tomou uma decisão
vendo que estava séria
aquela revolução
para o Ministro da Guerra
apelou a solução.

Veio o Ministro da Guerra
o Prudente de Moraes
com as forças do Exército
homens de gênios brutais
foram 5 mil soldados
e dois bravos generais.

Levaram tanques de guerra
canhão e metralhadora
granadas e dinamites
as armas arrasadoras
e foram arrasar Canudos
com ordens superiores.

Mas Antônio Conselheiro
de mais a mais se aprontava
jagunços pra lhe ajudar
todos os dias chegavam
e ele bem prevenido
por outro ataque esperava.

Pelo grande batalhão
Canudos foi atacado

O IMPOSTO E A FOME

Leandro Gomes de Barros

O imposto disse à fome:
- Colega, vamos andar,
Vamos ver pobre gemer
e o rico se queixar?
A tarde está succulenta,
O governo nos sustenta
Nós podemos passeiar.

Disse a fome: -- Eu estou tão triste
Que nem sei o que lhe diga
Este novo presidente,
Votes, credo, eu dou-lhe figa,
Este Hermes da Fonseca
Jurou acabar a seca
Vai tudo encher a barriga.

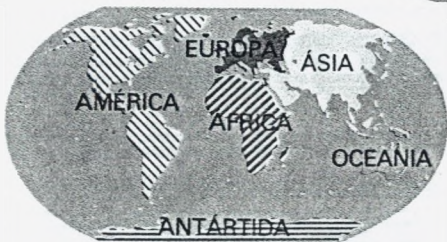
Disse o imposto: - Colega,
O governo é uma brasa,
O imposto onde chegar
Até o fogo se arrasa,
Não fica cixo com cunha,
Não fica gato com unha,
Não fica um pinto com asa.

Disse a fome: - Ah! meu colega,
No governo do Peçanha,
A desgraça vai a pique,

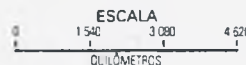
1. PLANISFÉRIO POLÍTICO



PARTES DO MUNDO



PAÍSES MAIS EXTENSOS



* O governo que assumiu o poder na Birmânia em 1988 mudou o nome do país para União da Mianma.

11. EUROPA POLÍTICO



LEGENDA

- CAPITAL
- CIDADES PRINCIPAIS

ESCALA

0 250 500 750

QUILÔMETROS



8ª SÉRIE HISTÓRIA 1º BIMESTRE

MARIA DA CONCEIÇÃO	7,5	Nº 28
JANILENE DA S SANTOS	7,5	Nº 21
Mª APARECIDA F. DA SILVA	8,0	Nº 32
QUARLEM ARAÚJO	6,5	Nº 47
VÂNIA SILVA SANTOS	6,5	Nº 44
ERILÂNIA CRISTIANE C OLIVEIRA	7,5	Nº 13
GILSON SOUSA GONÇALVES	7,5	Nº 17
ADRIANA NOGUEIRA DE LIMA	7,0	Nº
DIACIR SANTOS	7,0	Nº 09
SEVERINO DO RAMO DE M SILVA	6,5	Nº 49
GISELE NOBREGA GOMES	7,0	Nº 53
RAUL MENDONÇA	6,5	Nº 38
SEDNA M DA SILVA	7,0	Nº 41
TARA CRISTINA M DE PAIVA	6,5	Nº 19
MARIA VICINA R. DE MELO	6,5	Nº 37
ROSANA SÍRIA DE MELO	6,5	Nº 18
ELAINE CRISTINA MENDES PEREIRA	6,5	Nº 11
REINALDO F DE SOUZA	6,5	Nº 52
JOSE C. FERREIRA COSTA	7,0	Nº 2
MATILDE FREITAS DE OLIVEIRA	7,0	
SIMONE P. DO NASCIMENTO	7,5	Nº 42
ROSA ALEXANDRINA S. ROCHA	7,0	Nº 5
MARILETE G. BARBOSA	7,0	Nº
RONAS JOSÉ DA SILVA	7,0	Nº 20
DAMIANA VANESSA	7,5	Nº 08
GILVANEIDE SOUSA GONÇALVES	8,0	Nº 48
MARIS DALVA	7,0	Nº 03
SALETE DE OLIVEIRA MARACAJÁ	7,5	Nº 40
MIRIAM TEIXEIRA DE MELO	7,5	Nº 2

→ JOSÉLIA G. DA SILVA	_____	7,5	_____	Nº 24
→ FRANCISCA RUFINO	_____	7,0	_____	Nº 14
→ MARIA LÍVIA PEREIRA SIMÃO	_____	8,0	_____	Nº 31
→ SONIA DA SILVA NEGREIROS	_____	8,0	_____	Nº 43
→ FABIANA SOUZA	_____	7,5	_____	Nº 14

Escola Estadual de 1^o, 2^o Grupos Severino Cabral.

Disciplinas: História

Professora: Dolva.

Data da Avaliação: 02/12/97.

Professora Estagiária: Suelma M. Borges.

- Rubenaldo SILVA SANT'ANA = 9,0

- Rui de FARIAS SOUTO FILHO = 8,0

- ERAUDO OLIVEIRA BEZERRA = 9,0

- INÁCIO QUEDES P. JUNIOR = 9,0

- JOSÉ NAHDECIR = 9,0

- ELIZABETE DA SILVA TORRES = 9,0

- CIBERO EVANDRO B da COSTA = 9,0

- TATIANA TAVARES ALVES = 8,5

- KLÉBER FREIRE DA SILVA = 9,5

- RONALDO FRANCISCO DE SOUZA = 9,5

- CINARA CRISTINE DAS PEREIRA = 8,0

- M^o LUCIA PINHEIRO = 9,0

- DEUSIRAN ARAUJO SILVA = 9,0

- ADRIANA DE ALCANTARA = 8,5

- LIDIANE NARJARA = 8,5

- CÉLIA CRUZ = 8,5

- M^o das GRACIAS RUFINO = 9,0

- MICILENE GUEDES BARBOSA = 9,0